BORIS PASTERNAK

melodia interrompida

TEXTO INTEGRAL

melodia interrompida \ BORIS PASTERNAK

471
livros de bolso europa america

Boris Leonidovitch Pasternak nasceu em Moscovo, em 1890, e morreu em 1960. Figura das mais significativas da moderna literatura russa, começou por se dedicar à poesia. Os seus primeiros poemas, de inspiração futurista, remontam a 1912.

Dez anos volvidos, Pasternak torna-se célebre com Minha Irmã, a Vida, *a que se segue, pouco depois,* Temas e Variações.

A estes volumes de poesias líricas sucedem-se duas epopeias revolucionárias: O Tenente Schmidt *e* O Ano 1905.

A sua obra em prosa compreende novelas, trechos de prosa poemática e fragmentária, como A Infância de Luvers, As Cartas de Tula, Os Caminhos Aéreos, Narrativa, *ainda e sempre obras de um grande poeta que como tal se revela também no extenso romance* O Doutor Jivago *(1957).*

A Academia Sueca atribui a Pasternak o Prémio Nobel da Literatura em 1958. Mas, em torno do prémio e de O Doutor Jivago, *não autorizado na Rússia mas publicado em Itália e depois noutros países, surge uma especulação extraordinária. O escritor não foi a Estocolmo receber o Prémio Nobel.*

A novela A Narrativa, *que, na tradução portuguesa, apresentamos com o título* Melodia Interrompida, *é uma delicada sucessão de impressões, evocações e notas biográficas em que palpita a vida de Sérgio, um jovem sonhador que, após o seu curso universitário, trabalha como preceptor no seio de uma rica família burguesa.*

A acção romanesca esfuma-se para um plano de fundo e são os ambientes, as paisagens, as situações, as análises dos estados de alma, as notações poéticas e musicais, que se nos impõem e dominam.

47 livros de bolso europa américa

Colecção "Livros de Bolso Europa-América"

1 — *Esteiros*, Soeiro Pereira Gomes
2 — *O Músico Cego*, Vladimiro Korolenko
3 — *Frei Luís de Sousa*, Almeida Garrett
4 — *A Oeste nada de Novo*, Erich Maria Remarque
5 — *A Missão*, Ferreira de Castro
6 — *Mar Morto*, Jorge Amado
7 — *A Um Deus Desconhecido*, John Steinbeck
8 — *O Valente Soldado Chveik*, Jaroslav Hasek
9 — *A Cidade do Sossego* e *O Capote*, Nicolau Gogol
10 — *O Monte dos Ventos Uivantes*, Emily Brontë
11 — *Gaibéus*, Alves Redol
12 — *Cartas do Meu Moinho*, Alphonse Daudet
13 — *O Médico e o Monstro*, R. Stevenson
14 — *O Homem e o Rio*, William Faulkner
15 — *Sementes de Violência*, Evan Hunter
16 — *O Retrato de Ricardina*, Camilo Castelo Branco
17 — *Serões da Província*, Júlio Dinis
18 — *As Desencantadas*, Pierre Loti
19 — *Domingo à tarde*, Fernando Namora
20 — *Germinal*, Emílio Zola
21 — *Manhã Submersa*, Vergílio Ferreira
22 — *Bel-Ami*, Guy de Maupassant
23 — *Morreram pela Pátria*, Mikail Cholokov
24 — *O Príncipe*, Nicolau Maquiavel
25 — *As Mãos Sujas*, Jean-Paul Sartre
26 — *Viagens na Minha Terra*, Almeida Garrett
27 — *O Eleito*, Thomas Mann
28 — *O Grande Meaulnes*, Alain-Fournier
29 — *O Pregador*, Erskine Caldwell
30 — *Polikuchka*, Leão Tolstoi
31 — *Gente de Hemsö*, August Strindberg
32 — *Filha de Labão*, Tomás da Fonseca
33 — *Um Dia na Vida de Ivan Denisovich*, Alexandre Soljenitsin
34 — *A Ciociara*, Alberto Moravia
35 — *Os Homens e os Outros*, Elio Vittorini
36 — *O Fogo e as Cinzas*, Manuel da Fonseca
37 — *Albergue Nocturno*, Máximo Gorki
38 — *Revolta na «Bounty»*, Sir John Barrow
39 — *Recordações da Casa dos Mortos*, Fédor Dostoievski
40 — *O Autómato*, Alberto Moravia
41 — *Vinte e Quatro Horas da Vida de Uma Mulher*, Stefan Zweig
42 — *Morte Dum Caixeiro-Viajante*, Arthur Miller
43 — *A Rua do Gato Que Pesca*, Yolanda Földes
44 — *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, Júlio Dinis
45 — *A Ponte*, Manfred Gregor
46 — *A Noite Roxa*, Urbano Tavares Rodrigues
47 — *Melodia Interrompida*, Boris Pasternak

melodia interrompida

Edição n.º 40 547/1754

Execução gráfica:
oficinas de P. E. A.
(Dezembro de 1972)

Tradução de Fernando Moreira Ferreira
e António Ramos Rosa

Reservados todos os direitos
segundo a legislação em vigor

Capa: estúdios P. E. A.

BORIS PASTERNAK

melodia interrompida

Publicações Europa-América

I

Nos primeiros dias do ano de 1916, Sérgio chegou a casa da irmã, em Solikamsk.

Há quase dez anos que esta narrativa vive no meu espírito fragmentàriamente, e uma parte, aliás, já foi dada à estampa nos princípios da Revolucão.

O leitor faria, no entanto, melhor em esquecer tais versões, pois se arrisca a emaranhar-se nelas e a confundir, por fim, as personagens umas com as outras, atribuindo-lhes papéis que não lhes pertencem. Algumas daquelas apresentam-se com outros nomes; quanto aos destinos, o que elas eram na época, no meio da neve, sob as árvores, lá onde as encontrei, continuarão a sê-lo também agora,

e entre o romance em verso *Spektorsky*[1], que iniciei mais tarde, e a prosa actual não haverá contradições: a vida, lá ou aqui, permanece a mesma.

Para dizer a verdade, não foi bem a Solikamsk que ele chegou, mas a Ousolié.

Quem, deste lado onde se encontram as fábricas, pela janela da cozinha do doutor, cujos aposentos acabavam de restaurar, o visse, todo branco da neve, na outra margem, compreenderia sem dificuldade — e desde o primeiro dia — o que o ocupava ali, qual a sua razão de ser e os fins que o moviam. A pedra tosca e comercial dos edifícios públicos cintilava, qual rebanho em pastagem, dispersa em redor pelas cargas explosivas da saciedade e pela pólvora da abundância. Enquadrando perfeitamente a perspectiva da outra margem — obra de Ivan, o Terrível, e dos Stroganov —, as janelas do doutor brilhavam como se fosse precisamente em homenagem a esses longes que se ba-

[1] Poema narrativo de cunho autobiográfico publicado por Pasternak em 1931. *(N. do T.)*

tera e expusera sobre a madeira, como nata de leite, o óleo fresco do alvaiade. Era, de resto, a verdade, porque os pobres e esfarrapados quintalejos do arrabalde não ofereciam qualquer interesse.

Secundado pelos corvos, o degelo crepitava nos valados. Nas fendas negras que a água abria por entre a neve havia, aqui e além, um gorgolejar solitário. Os silvos de uma locomotiva em manobras no Vérétié sucediam-se aos gritos de crianças a brincarem. O estrépito das machadadas no sector de exploração mais próximo sobrepunha-se aos sons abafados como acordes de órgãos que vinham da fábrica distante. Imaginava-se tal rumor mais do que se ouvia, sugerido como era pela vista dos cinco bonés de fumo da fábrica. Relinchavam cavalos, ladravam cães. O canto roufenho de um galarote, bruscamente interrompido, ficava suspenso como a remanescente vibração de uma corda dedilhada. E do afluente longínquo, com os ramos pendentes e adormecidos dos salgueiros furando por entre a neve que os cingia ao tronco, che-

gava a espaços a verve trocista de um dínamo. Os sons eram débeis e pareciam ébrios, porque flutuavam ao longo dos trilhos. No meio deles, solenes e livres, abriam-se os silêncios eloquentes da planície invernal. Ela ocultava nas proximidades, e até, ao que diziam por aqui, sem ir mais além da aldeia vizinha, os primeiros contrafortes do Ural. Ocultava-os, como se fossem desertores.

Sérgio encontrou a irmã quando esta ia a sair às compras. Atrás dela vinha uma petiza de faces bochechudas, envolta numa peliça curta, cingida de través. A irmã arremessou o saco ao parapeito da janela e, enquanto se abraçavam efusivamente, a miúda, de mala no braço, movendo as suas grossas botas, lançou-se como um pé-de-vento para o fundo da casa, dando a volta à mesa da sala de jantar como um arquinho na sua carreira. Daí a pouco, sob a chuva de perguntas da irmã, Sérgio, de toalha ao ombro, pôs-se a lavar com sabão de Kazan, desajeitadamente e patenteando falta da hábito, os sinais sujos de quarenta e oito horas

de insónia, e foi então que a irmã reparou como ele havia crescido e emagrecido. Depois barbeou-se. Kaliazine, o cunhado, estava a trabalhar àquela hora, e o seu estojo de barba, que Natacha trouxera do quarto de dormir, deixou Sérgio confundido pela riqueza do jogo de peças. A sala de jantar era clara e impregnava-a um cheiro a chouriço que denotava desafogo. Sobre o verniz negro do piano precipitavam-se furiosamente os pequenos punhos espetados de uma palmeira-anã e vinha quebrar-se, ameaçando fazer ir pelos ares a madeira, o verde-acinzentado dos candelabros fixos. Apercebendo-se do olhar de Sérgio, que deslizara pelos reflexos leitosos do oleado, Natacha esclareceu:

— Era do predecessor de Pacha[1]. Todo o mobiliário pertence ao Estado.

E, após um instante de embaraço, acrescentou:

— Estou com uma terrível curiosidade

---

[1] Diminutivo de Pavel (Paulo). *(N. do T.)*

de saber o que dirás das crianças. É verdade, tu só as conheces de fotografias.

Deviam estar a chegar do passeio de um instante para o outro.

Pôs-se a beber o chá e, solícito, contou a Natacha que a morte da mãe o havia impressionado, por ter sido tão repentina e imprevista. Fora, porém, no Verão anterior que ele a receara, quando, segundo a sua própria expressão, ela se encontrara verdadeiramente às portas da morte e ele não lhe largara a cabeceira.

— Sim, foi antes dos teus exames. Eu recebi a notícia — atalhou Natacha.

— Ah, sim — redarguiu ele, e por pouco não se engasgava. — Até me parece mentira ter passado. O que me custou consegui-lo! Parece-me que ainda a tenho atravessada, a Universidade!

Continuando a amassar distraídamente entre os dedos uma bolinha de pão e bebendo o chá aos golinhos, explicou-lhe que ainda tinha começado a preparar os exames na Primavera, pouco depois da visita da irmã a Moscovo, mas que fora obrigado a desistir: dera-se a doença da

mãe, a viagem a Petersburgo e uma porção de outras coisas. (Neste ponto ele enumerou de novo tudo isto.) Mas, mais tarde, um mês antes dos exames de segunda época, tinha reconsiderado, e o que lhe custara mais fora debelar a tendência para a dispersão contínua que tinha desde criança. Quando ele falou dos «dez talentos que não valem um só», a irmã não reconheceu o ditado que o defunto pai tinha posto a circular na família e que o visava precisamente a ele. Isso vexou-o.

— E, então, que fizeste? — inquiriu-lhe a irmã, tratando, pressurosa, de fazer desaparecer o embaraço criado.

— Quê, que fiz eu? Tive de galopar dia e noite, foi o que foi. — E então assegurou-lhe que nenhum prazer se podia comparar a esse género de galope, que, de passagem, chamou a exaltação do trabalho em excesso. Pelo que dizia, fora aquele desporto cerebral que o ajudara a vencer as suas tentações inatas, e também a música, que, desde essa altura, banira por completo. E, para que a irmã o não pudesse de novo interromper, começou a con-

tar, ràpidamente e sem transição lógica, que Moscovo fora surpreendida pela guerra em plena febre de construção e que, se, de princípio, as obras tinham prosseguido, agora as haviam abandonado quase por toda a parte, de modo que muitas casas iam ficar para sempre inacabadas.

— Porque dizes «para sempre»? — replicou ela. — Não tens fé em que a guerra acabe?

Mas ele não respondeu, pensando que aqui, como em toda a parte, a guerra, ou seja a completa impossibilidade de imaginar a paz, estaria mais uma vez em foco nas conversas que haviam de ter em casa e que o cunhado, como era de esperar, seria neste particular o primeiro a meter a colherada.

De súbito, impressionou-a a perspicácia doentia com que Sérgio, cada vez mais e com crescente segurança, se furtava à sua curiosidade. Compreendeu quanto ele estava esgotado, e, no desejo inconsciente de evitar ter de lhe ler os pensamentos, sugeriu-lhe que se deitasse e

fosse dormir um pouco. Neste momento, contra toda a expectativa, vieram incomodá-los. Dèbilmente, tiniu a campainha. Julgando serem as crianças, Sérgio quis seguir a irmã, mas Natacha, afastando-o com um gesto e balbuciando umas palavras, sumiu-se pelo quarto de dormir. Sérgio aproximou-se da janela e, de mãos cruzadas atrás das costas, fixou os olhos no espaço.

No estado de distracção absorvente em que se encontrava, não se apercebeu da agitação frenética que começara ao lado. Gritando com todas as suas forças, Natacha, de auscultador levantado, engolfava vagas amabilidades nos espaços que se estendiam diante do seu irmão. Dirigindo-se para o interminável tapume que se alongava até ao fim do arrabalde, passava um homem, num passo igual e pesado, e, coisa notável, nem vivalma em redor, nem uma pessoa no seu caminho. Sérgio seguia distraìdamente o homem que se afastava e revia em espírito o trecho arborizado de estrada que percorrera pouco antes. Via a garè, o bufete vazio de

pranchas colocadas sobre o passeio em forma de balcão, os montes que se erguiam para além do semáforo e as pessoas que procuravam aquecer-se, correndo à porfia ou batendo-se sobre o arredondado montículo de neve que separava os vagões frios das empadas quentes do bufete. Durante este tempo, o homem alcançara o tapume e, contornando-o, fugira ao seu campo visual.

Entretanto, no quarto de dormir, algo de novo se passara. Os gritos ao telefone haviam cessado. Tossicando com alívio para aclarar a voz, Natacha perguntava quando estaria pronta a sua blusa e explicava o modo de a talhar.

— Adivinhaste quem era? — disse ela, assim que entrou, reparando no olhar atento do irmão. — Era Lemokh. Está cá a tratar de negócios da fábrica e vem ver-nos esta tarde.

— Qual Lemokh? Porque estás a gritar? — interrompeu Sérgio a meia voz. — Tu devias prevenir. Quando se fala alto para não dizer nada, como se não estivesse ninguém em casa e há alguém ao lado

a trabalhar, é uma indelicadeza que se comete. Devias ter dito que tinhas em casa uma costureira.

O mal-entendido foi crescendo e agravou-se antes de ser tirado a claro. Verificou-se que não havia ninguém no quarto de dormir e que Natacha, quando lhe cortaram a comunicação com um interlocutor mais afastado, se pusera a tagarelar com a telefonista que tinha desligado e se encontrava nesse momento no seu posto, no outro extremo da cidade.

— Uma rapariga muito simpática — observou Natacha. — Além do mais, trabalha em costura; o salário não lhe chega. Ela vem cá também. Vieram da frente visitá-la, mas não está pròpriamente comprometida.

— Parece-me que tens razão — declarou Sérgio sùbitamente. — Vou repousar um pouco.

— Sim, fazes bem.

A irmã, solícita, aprovou-o e conduziu-o ao quarto que preparara para ele assim que recebera a sua carta.

— Não sei como te livraste — observou

ela, voltando-se para ele sem se deter—, não coxeias absolutamente nada.

— Sim, calcula, e sem oposição, por unanimidade da junta médica. Que estás a fazer? — gritou ao ver que a irmã se preparava para abrir a cama e estava a tirar o cobertor. — Deixa, durmo mesmo vestido. Não vale a pena.

— Como quiseres — cedeu ela; e, deitando ao quarto um olhar de dona de casa, acrescentou, quedando-se à entrada: — Dorme à tua vontade. Não te prendas; eu providenciarei para que não façam barulho; podemos até comer sem ti, basta depois aquecer a tua parte. Mas tu esqueceres-te de Lemokh, essa é que não me passa! Um homem tão interessante e uma pessoa de tanto valor... Ele falou de ti com tanta simpatia e acerto...

— Mas que culpa tenho eu? — volveu Sérgio num tom suplicante. — Nunca o vi e é a primeira vez que ouço falar nele.

Ele teve a impressão de que a porta se fechara sobre a irmã com um murmúrio de censura. Sentando-se na cama,

começou a desprender os suspensórios e a desatar os atacadores dos sapatos.

Um marinheiro do torpedeiro *Novik* viera no mesmo comboio para gozar uma breve licença no Vérétié. Chamava-se Fardybasov. Ao sair do comboio, foi direito ao escritório da estação deixar a sua mala, cumprimentando de passagem uma parente que era aí empregada, e logo, em grandes passadas, que faziam estalar o gelo e esparrinhar a água, se encaminhou para a oficina mecânica. Lá, a sua chegada provocou sensação. Mas, como no ajuntamento que se formara à sua volta não encontrava quem vinha procurar e como lhe dissessem que Otryganiev trabalhava agora numa das novas secções recentemente criadas, abalou, tão depressa como tinha chegado, ao encontro do segundo-auxiliar, que não demorou a encontrar atrás dos tapumes dos armazéns, na bifurcação do caminho-de-ferro de via reduzida. Era uma fitinha insignificante que trepava pelos rebordos

de um barranco e que metia medo pelo seu precário aspecto, pois que, à orla do bosque, ao longo dos carris, andava de um lado para o outro uma sentinela de espingarda ao ombro. Saindo do caminho, Fardybasov desceu a correr a rampa, através dos campos; saltava a cada bossa de terreno que encontrava, perdendo-se de vista nas fossas ressequidas que o Verão deixara na sua passagem. Depois começou a subir a encosta, onde se erguia um barracão de madeira que passaria por uma simples granja se não fossem os pequenos cogumelos de vapor que a cada instante arremessava ao ar, quais bolas de neve, para cobrir o silêncio que reinava em torno.

— Otryganiev! — berrou o marinheiro, que viera correndo até à ombreira, batendo com a palma da mão na dobradiça da porta.

O grito foi-se perder no fundo da barraca onde alguns camponeses arrumavam fardos e onde, resguardado por quatro barras que serviam de capa e que eram a única protecção contra os lixos

e poeiras, o diabo de um motor, de asas retesadas, rodopiava desaustinadamente. Sob o motor, a alavanca da bomba dançava num frenesi louco, fazia estalar os eixos, agachava-se, ia quase a desabar sobre o soalho, e, de repente, retesava-se de novo, numa série de sacudidelas bruscas, que faziam estremecer de terror o barracão inteiro.

— Que andas tu pr'aí a cheirar, ó meu destilador de merda? — inquiriu o recém-chegado ao coxo pesadão que surgira junto da porta.

A manquejar, o homem vinha da máquina balançando-se pesadamente, com a perna morta descaindo sobre a sã.

— Eriomka! — foi quanto pôde articular, atacado por um acesso de tosse áspera, sacudida, espessa, uma tosse de tabaco forte.

— Clorofórmio — berrou ele com a sua voz embebida em álcool até à tuberculose; e só pôde agitar o braço, sacudido pelo chiante paroxismo de uma nova sufocação.

— Clorofórmio, não. Essências de pi-

nheiro é o que tu precisas ... — aventou o marinheiro com um sorriso terno, esperando o fim do acesso.

Em vão o esperou, porque nesse momento dois tártaros, destacando-se dos outros operários, subiram, um atrás do outro, por umas escadas de mão, e, lá de cima, começaram a despejar cal sobre uma tina, o que desencadeou um tumulto inimaginável e cobriu todo o local das volutas de um pó branco. E foi no meio desta nuvem que Fardybasov se pôs a urrar que o sargento lhe tinha reduzido o tempo de licença — trazia os dias contados, dizia ele — para passar sem transição ao objecto da sua corrida através dos campos, desde a gare, e para tentar convencer o seu amigo a acompanhá-lo à caça durante todo o período das suas férias.

Ao fim de um certo tempo, decorrido em amigáveis caçoadas, a propósito daqueles que se submetiam às requisições ou às obrigações militares e das fábricas que trabalhavam para a defesa nacional, Fardybasov, no momento de partir, con-

tou que, ainda recentemente, pouco antes do Natal, ao saírem do golfo da Finlândia, tinham ido cair de noite num campo de minas alemão, que os tinha feito ir pelos ares, o que só não era verdade e não passava de uma fanfarronice quanto às pessoas, pois que o narrador era do *Novik*, e o barco que lançara ao ar as suas flechas de alarme, lavrara o abismo e se afundara, envolvendo-se num nó líquido de uma profundidade e tensão espantosas, era um outro torpedeiro da esquadra.

Descia a noite, caía uma leve geada, traziam agora a água para a cozinha. As crianças já estavam em casa. «Caluda!», diziam-lhes. Por momentos, Natacha aproximava-se furtivamente da porta. Sérgio tentava dormir, mas o sono não vinha. Ali perto, do outro lado da parede, desde o sol-posto que andavam numa azáfama a limpar a casa. Embalado pela canção monótona dos baldes e do soalho, Sérgio imaginava como tudo seria irreconhecível quando, no fim da limpeza,

acendessem as luzes. Tudo se passaria como se tivesse chegado uma segunda vez, e, depois de ter dormido bem, era o essencial. E o antegosto desta novidade, que já as lâmpadas tornavam, de certo modo, presente, fervilhava e rumorejava em surdina, tomando a cada instante novas formas. Adoptava as próprias vozes das criancinhas para perguntar onde estava o senhor e quando é que se ia embora, aprendia a fazer olhos carrancudos, e era ela ainda que ordenava um enérgico «caluda!» a Machka, que, coitadinha, não fizera nada. Era a nuvem das observações maternais que adejavam no vapor da sopa, batendo as asas sobre os aventais e os pratos. De nada lhe serviram todos os seus protestos, quando a abafaram de novo, com tanta minúcia como exaspero, e a acompanharam até à porta para um novo passeio, obrigando-a a deixar à pressa o vestíbulo para o frio não entrar. E foi preciso decorrer algum tempo para se encarnar, muito mais tarde, na irrupção da voz de baixo de Kaliazine, com a sua bengala e as suas pesadas galochas,

que após dez anos de casamento não haviam cedido ainda a nenhum esforço de persuasão.

Para conciliar o sono, Sérgio procurava obstinadamente rever um meio-dia de Verão, o primeiro que lhe surgisse. Ele sabia que, se uma tal imagem lhe aparecesse, esta visão lhe cerraria as pálpebras e iria adormentar-lhe as pernas e o cérebro. Mas ele continuava deitado e já há muito conservava diante do nariz o espectáculo da canícula, como um livro aberto, sem que o sono se dignasse vir. E eis o que aconteceu: foi o Verão de 1914 que se lhe deparou, e essa circunstância embaralhou-lhe os cálculos. Esse Verão, não se podia fitá-lo bebendo de olhos semicerrados a sua crueza soporífera: era preciso pensar, passar de uma lembrança a outra. A mesma razão far-nos-á, a nós também, abandonar por muito tempo a casa de Ousolié.

Ora, era daqui que Natacha, quando andava por Moscovo, na sua estada da Primavera de 1913, recebia as instruções que ela apontava numa lista que os

pequenos aditamentos e as constantes emendas tinham tornado ilegível. Ela ia ter com Sérgio, que, agora — e este «agora» era o cheiro da madeira serrada, a grande chilreada do silêncio em redor, o estado dos caminhos da aldeia —, imaginava ver em pessoa esses para quem a irmã trabalhava, quando se ausentava dias inteiros do quarto da Kislovka. Com efeito, os empregados viviam em boa união, como uma só família. Esta viagem de Natacha tomara mesmo a forma de uma guia de marcha transferida do marido à mulher. O que tornava concebível uma absurdez deste género era que todos os elos da cadeia abstracta que culminavam nas ajudas de custo e subsídios de viagem eram homens vivos e irmanados todos eles pela promiscuidade que os fechava, como numa ilha, na sua maior ou menor instrução, no meio de 3000 verstás de neve maciçamente iletradas. Aproveitando o ensejo, a direcção havia-a mesmo munido de plenos poderes para pôr a claro certas dificuldades, aliás das mais fúteis, e que poderiam fàcilmente

ser resolvidas por correspondência; e era esta a razão por que Natacha ia tantas vezes à Rua Ilinka, rodeando estas visitas de um carácter muito ambíguo. Ela punha estes giros entre parêntesis deliberadamente cómicos, dando a entender ao mesmo tempo que tais parêntesis encerravam assuntos de uma importância ministerial. Quanto às suas horas vagas, passava-as sobretudo em casa dos amigos que ela e o marido conservavam do seu passado moscovita. Com eles frequentava os teatros e os concertos. Isto porque as pessoas com quem assistia aos espectáculos de Stanislavsky ou de Korch eram pessoas às quais a ligara outrora um grande passado. Entregando-se, se necessário, a uma exaltada comunhão, de cada vez que se evocavam os bons tempos, este passado era agora a única razão das suas relações recíprocas. Encontravam-se fortemente soldados pela sua antiguidade, e uns eram agora médicos, outros engenheiros, outros ainda tinham escolhido a advocacia. Os que não haviam podido retomar os seus es-

tudos provisòriamente interrompidos trabalhavam na *Palavra Russa*. Todos tinham fundado um lar, todos, excepto os que haviam seguido a carreira literária, tinham agora filhos. Decerto não se assemelhavam todos e não viviam em grupo, não, mas cada um na sua casa, numa rua diferente, e para ir a casa de uns Natacha seguia pela Kislovka até à paragem do eléctrico de Vozdvijenka, ao passo que para ir a casa de outros tinha de descer a pé o Gazetny, o Kamergersky, etc., cortando por ruas e vielas mais ou menos sinuosas, tortuosas e movimentadas.

Dever-se-á acrescentar aqui que, com excepção de uma única vez, na passagem Gueorguievsky, onde tivera de ir à procura de amigos para a acompanharem a um recital de leituras de Tchékhov e de cantos, o passado, durante toda essa estada, nunca foi evocado entre Natacha e as pessoas das suas relações. E, mesmo dessa vez, mal Natacha retomara o fio das suas recordações, ao descobrir no toucador da sua amiga

uma gravata do tempo dos cursos superiores femininos, logo esta, constrangida, de resto, pela própria Natacha, se apressou a dar os últimos retoques à sua *toilette* e, afastando-se bruscamente do espelho, onde já se agitavam as velhas imagens ressuscitadas, com a amiga e o marido abalou à desfilada rua abaixo, cabeças curvadas os três, ao ar primaveril da tarde, verde e refrescante como um espelho. E se eles não falavam do passado era também porque sabiam todos, no fundo de si mesmos, que haveria mais uma vez a Revolução. Por uma ilusão que é ainda desculpável em nossos dias, eles imaginavam que ela se daria como um drama que houvesse sido retirado da cena e um dia, abruptamente, fosse apresentado por uma companhia estável, quer dizer, com todos eles nos seus antigos papéis. Este erro era tanto mais natural quanto é certo que, embora crendo profundamente serem os seus ideais partilhados pelo povo inteiro, eram, no entanto, levados a pensar que seria necessário verificar esta certeza

no próprio povo em carne e osso. E assim, convencidos de que a Revolução, aos olhos da grande massa dos Russos, era ainda naquela altura uma extravagância total na vida de todos os dias, eles tinham boas razões para inquirir de si mesmos donde poderiam vir novos amadores e novos iniciados capazes de levar a cabo uma tarefa tão particular e delicada.

Como todos eles, Natacha pensava que a melhor obra da sua juventude tinha ficado em suspenso e que, na altura própria, não ficaria de braços cruzados. Esta fé explicava todos os defeitos do seu carácter e uma segurança que só era contrabalançada pela sua total ignorância deste seu lado caprichoso. Também explicava a santidade sem objecto e a indulgência misericordiosa que a iluminavam de uma irradiação interior inesgotável e que a nada correspondia.

Uns parentes tinham-lhe feito saber que havia algo na vida de Sérgio. É preciso notar que ela sabia tudo, a começar pelo nome da eleita e até o facto de que

Olga estava casada com um engenheiro e era feliz. Não fez perguntas ao irmão. Tendo agido assim por respeito humano, não deixou, no entanto, como nobre que era, de retirar daí uma virtude de casta. Não fez perguntas, mas a consciência da relação directa entre a aventura do irmão e o princípio perspicaz e delicado que ela encarnava estava-lhe estampado no rosto. Esperava que Sérgio, fugindo à sua solidão, se abrisse inteiramente com ela. Desejava a sua confissão espontânea, esperava-a com uma impaciência profissional. E que admiração, se se considerar que a história do seu irmão era um caso de amor livre em choque evidente com as cadeias triviais do casamento e reivindicava o direito ao sentimento forte e são, até mesmo — porque não? — à maneira de Leonid Andréiev, ou quase. Ora, Sérgio tolerava mal a banalidade recalcada, mais ainda do que uma estupidez impetuosa e petulante. Quando não pôde manter mais tempo o seu silêncio, a irmã interpretou à sua maneira as respostas evasivas que ele lhe dava e as

suas reticências inábeis fizeram-na compreender que tudo tinha acabado entre os amantes. Então o sentimento da sua competência ainda mais se desenvolveu, pois que se juntava agora ao sedutor inventário descrito há pouco um drama obrigatório, segundo as suas vistas. Por muito grande que fosse a distância que a separava do irmão, que era cinco anos mais novo do que ela, Natacha também tinha olhos para ver, e via realmente, sem se enganar, de resto, que no carácter dele não havia lugar para leviandades ou rapaziadas. Apenas esta palavra «drama», recolhida por Natacha entre os seus conhecimentos, não pertencia ao vocabulário de Sérgio.

II

Quantas coisas, para Sérgio, se esbatiam nas névoas do passado, agora que, concluído o último exame, ele se achou na rua com a impressão de ter saído sem chapéu, e que, aturdido pelo que se acabara de passar, lançou em volta um olhar emocionado. Um cocheiro ainda novo, sentado de través na boleia, o cafetã esticado pela bota levantada, lançava um ou outro olhar distraído por baixo do cavalo e, abandonando-se totalmente à pureza sem memória do ar de Março, esperava com indiferença um apelo que podia vir de qualquer canto da vasta praça. Espelho involuntário desta expectativa sonolenta, uma égua pardacenta, entre os varais, pis-

cava os olhos de vez em quando e parecia sòlidamente ajustada ao cabresto, sob as arcadas, pela própria trepidação do solo. Tudo em redor os imitava. Muito polida, com o pavimento limpo e brilhante, a calçada, bojuda, parecia um documento selado, salpicado de marcos e de revérberos. As casas erguiam-se, apoiadas na expectativa monótona da Primavera à espreita, como numa base elástica feita de quatro pneus. Sérgio voltou-se. Atrás de uma cerca, numa fachada das mais cinzentas e das mais débeis, destacava-se, ociosa e com ar de quem entra em férias, a porta que pouco antes se fechara suavemente sobre doze anos de escola. Tinham-na logo cerrado, após a saída, e agora era para sempre. Ele voltou para casa. A frescura penetrante de um crepúsculo límpido caiu levemente sobre a Nikitskaïa. As pedras, sob uma leve camada de gelo, cobriram-se de laivos purpurinos. Sérgio não ousava fitar os que com ele se cruzavam. Tudo o que tinha acontecido estava escrito no seu rosto, e um sor-

riso aberto, amplo como toda a vida moscovita do momento, dominava-lhe as feições.

No dia seguinte foi procurar o amigo que, professor num liceu feminino, estava ao corrente das vagas existentes noutras escolas. O Inverno passado tinha ele um dia falado a Sérgio num lugar de professor de Literatura e de Psicologia num colégio particular da Basmannaïa, que devia vagar na Primavera.

Sérgio não podia suportar o ensino literário e a psicologia escolar. Além disso, sabia que não tinha temperamento para ensinar meninas, cujo convívio o faria secretamente suar sangue e água, sem que daí viesse proveito para ninguém. Mas ele estava aturdido pelas emoções dos exames, e agora descansava, isto é, deixava-se preguiçosamente arrastar pela marcha natural dos dias e das horas. Dir-se-ia que alguém derramara então sob a Universidade um grande boião de compota azeda e que Sérgio se deixara atolar, e com ele toda a cidade, nessa geleia coberta de peles amargas. Foi

neste estado de espírito que ele se achou numa viela de Pliouchtchikha, onde, num hotel modesto, vivia o amigo em questão.

O hotel estava separado do resto do mundo por um imenso pátio, onde estacionavam os trens. Uma grande fila de canos parecia projectar-se no céu nocturno como a coluna vertebral de um animal legendário que tivessem acabado de esfolar. Mais fortemente do que na rua, fazia-se sentir aqui a presença do horizonte novo, nu, apertando o coração, e havia bastante esterco e feno. Sobretudo, havia muito daquela doce embriaguez cujas vagas embaladoras tinham conduzido Sérgio a este sítio. E precisamente como o tinham depositado no meio das discussões fumarentas de um quarto de hotel, amparadas de fora pelos três braços de um candeeiro a petróleo de iluminação pública, de igual modo o levaram na noite seguinte à Rua Basmannaïa, onde um diálogo, pesado como chumbo, havido entre ele e o director do colégio, acompanhava a grasnada da ra-

maria que cobria um grande jardim abandonado, com uma terra cor de rato prateado, como é próprio dos liceus femininos, e já revolvido pelo ancinho aqui e além.

Até que, de repente, quase sem saber como, por uma daquelas reviravoltas em que a semana fora pródiga, o nosso herói se achou instalado na vivenda particular dos Fresteln, na qualidade de preceptor do filho dos donos da casa; e por lá ficou, sacudindo o chumbo que já lhe pesava nos pés. E não havia nisso nada que desse motivo para espantos. Davam-lhe cama, mesa e roupa lavada, e ainda por cima lhe ofereciam um salário que era o dobro do que ganhava como professor, um quarto enorme, com três amplas janelas, contíguo ao do aluno, e ainda o pleno direito de dispor a seu bel-prazer dos momentos de ócio que entendesse reservar para si, sem prejuízo das lições do pequeno. Desta maneira, quase só faltava que lhe dessem de presente o próprio comércio de panos dos Fresteln para ter tudo o que quisesse, visto que era a pri-

meira vez na sua vida em que ele podia, ao sabor da sua fantasia, deixar o chá e os livros, pôr um belo chapéu na cabeça (tinha já recebido um adiantamento substancial ...) e descer a escadaria de mármore para mergulhar na tépida atmosfera da rua cheia de sol que lançava impetuosamente os seus dois passeios em direcção à praça que se encontrava lá ao fundo, escondida por trás de uma curva. Era no Bairro de Samotioki, e, muito embora o local fosse pouco frequentado, Sérgio, logo na primeira saída, encontrou duas pessoas conhecidas. Primeiro foi um jovem com quem se tinha relacionado na memorável reunião em casa dos Baltz, o qual seguia pelo passeio oposto ao seu. Na referida reunião havia dois irmãos: o mais velho era engenheiro e o mais novo dizia que depois de terminar o curso comercial tinha de cumprir o serviço militar e não sabia se devia alistar-se já ou esperar o momento da incorporação. Agora envergava o uniforme dos voluntários, e foi precisamente o facto de o ver fardado

que embaraçou Sérgio a tal ponto que apenas o cumprimentou de passagem, em vez de parar e de atravessar a rua para lhe falar. O voluntário fez outro tanto, talvez porque Sérgio lhe tivesse comunicado o seu embaraço de um passeio para o outro. Além disso, Sérgio não sabia sequer o nome dos dois irmãos, porque ninguém lhos tinha apresentado, e apenas se lembrava de que o mais velho era um homem muito senhor de si e com ar de felizardo, ao passo que o mais novo era menos falador e bastante mais simpático.

O outro encontro deu-se no mesmo passeio. Inesperadamente, Sérgio deu de cara com Kovalenko, um sujeito pesadão e bonacheirão que dirigia uma revista de Petersburgo. Este conhecia e aprovava os trabalhos de Sérgio e propunha-se, entre outras coisas, renovar a sua empresa com o concurso de Sérgio e de alguns outros excêntricos a quem anteriormente se tinha afeiçoado. Desta injecção de sangue novo na revista e de outras larachas semelhantes falava ele com um

invariável sorriso nos lábios. Este sorriso era, de resto, um traço característico da sua pessoa, porque imaginava constantemente situações grotescas, de que se defendia com este ar irónico. Interrompendo bruscamente os cumprimentos de Sérgio, perguntou-lhe em que se ocupava agora, e Sérgio mordeu a tempo a ponta da língua, à qual aflorava já a vivenda de dois andares dos Fresteln, para contar, com o ar mais natural deste mundo, que estava a trabalhar numa nova narrativa. E como Kovalenko não deixaria, certamente, de lhe perguntar o assunto, pôs-se logo a compô-lo mentalmente.

Mas Kovalenko não lho perguntou: propôs-lhe antes um encontro no mês seguinte, durante a sua próxima vinda a Moscovo; sem a menor pausa, desatou a falar de uns amigos cujo aposento, meio deserto, ele ocupava, ao mesmo tempo que escrevia ràpidamente a direcção deles num pedacinho de papel. Sérgio pegou no papel distraìdamente, sem o olhar, e, dobrando-o em quatro, enfiou-o na algibeira do colete. O sorriso irónico

que nunca tinha abandonado os lábios de Kovalenko durante toda esta cena nada dizia a Sérgio, inseparável, como era, do seu interlocutor.

Depois .de se ter despedido de tão obsequiosa personagem, Sérgio fez um pequeno desvio para se dirigir para casa, uma vez que seria desagradável continuar a seguir o mesmo caminho do outro, sem o acompanhar, após uma entrevista que tinha terminado de maneira tão amigável e tão natural. Durante o percurso, não deixou de se admirar com um golpe de vento que se levantara bruscamente na sua própria cabeça. Mas não foi capaz de reparar que não era realmente vento, mas sim a continuação da narrativa, ainda apenas esboçada, que se prolongava à medida que se iam esbatendo progressivamente os ecos do encontro que tivera e de tudo que então se passara. E também nem sequer se apercebeu de que essa hipotética narrativa não tinha, na realidade, outro assunto além do esfusiante enternecimento que desabrochava em ideias e de que, se se

tinha enternecido, era porque tudo em sua volta lhe parecia sorrir, porque o tempo estava esplêndido, porque tudo lhe corria bem: os exames, o emprego e tudo o mais ...

A sua instalação em casa dos Fresteln verificou-se numa altura em que toda a habitação estava em plena transformação. Algumas modificações tinham já sido introduzidas, outras estavam ainda por vir. Muito recentemente ainda, os dois esposos, constantemente desavindos, tinham, finalmente, posto termo às suas querelas, separando-se definitivamente e instalando-se cada um em seu andar. Uma parte do rés-do-chão — mais ou menos metade ... —, à direita, separada pelo vestíbulo dos aposentos ocupados por Sérgio e pelo seu pupilo, era reservada ao proprietário. A dona da casa, por sua vez, expandia-se por todo o andar superior, onde, além dos seus três quartos e mais uma sala de visitas, havia ainda uma grande sala com átrio pompeiano,

exposta em duas faces, e uma sala de jantar com uma copa contígua.

Nesse ano, a Primavera chegou cedo, e à hora do meio-dia, com o sol a pino, tinha já o calor fumegante dos pães doces saídos do forno. Adiantava-se ao calendário e há muito tempo já que convidava a iniciar os preparativos com vista à próxima vilegiatura. Os Fresnel tinham uma propriedade na província de Toula. Por enquanto a vivenda limitava-se aos pequenos preparativos — arejavam-se os baús e as malas durante as manhãs de calor —, mas a entrada principal assistia já ao vaivém das mães de família candidatas a veraneantes para o próximo ano. As velhas pensionistas eram recolhidas como mortas queridas, miraculosamente restituídas aos parentes, ao passo que com as novas se tagarelava acerca dos palacetes de pedra ou dos chalês de madeira, e ainda mesmo no vestíbulo, à saída, por entre os cumprimentos de despedida, se repisavam uma vez mais as particularidades bem conhecidas do ar de Alexino, esse ar extrema-

mente tonificante, e as belezas de Oka, que estavam acima de todo o elogio. Tudo isso, diga-se de passagem, era a pura verdade ...

No pátio batiam-se os tapetes, as nuvens por cima do jardim pareciam mantas de toucinho e os turbilhões de poeira crepitante, depositando-se no céu pesado, dir-se-iam ir eles mesmos carregar a atmosfera de prenúncios de tempestade. Mas a maneira como o porteiro, coberto dos pés à cabeça pelo pó dos tapetes, olhava por vezes o céu, enquanto limpava a cara, indicava que não iria chover. Vestindo um casaco de lustrina, em forma de fraque, o lacaio Lavrenti, com um martelo debaixo do braço, dirigia-se para o pátio através do vestíbulo. E, diante deste espectáculo, Sérgio, aspirando o cheiro a naftalina e apanhando no ar pedaços soltos de conversas das mulheres, não conseguia desprender-se da impressão de que era o próprio edifício, em vez dos seus habitantes, que estava a preparar-se para a partida e que de um instante para o outro ele ia mer-

gulhar por entre a ramaria áspera das bétulas, húmida e trémula, com um cheiro convidativo de louro. Por cima de tudo isto, acontecia que a dama de companhia da Sr.ª Fresteln, que, sem se ter despedido, se preparava para partir, andava à procura de outro emprego e, por tudo e por nada, se ausentava de casa, indiferentemente, quer nos dias de saída, quer nos dias de trabalho. Chamava-se Ana Arild Tornskiold, mas, para abreviar, tratavam-na simplesmente por Mrs. Arild. Era dinamarquesa, vestia-se completamente de preto; e era, por vezes, bastante penoso verificar as situações deprimentes em que não raro a colocavam as obrigações inerentes ao cargo que desempenhava.

E havia precisamente esse ar estranhamente opressivo no seu modo de andar, quando, em passadas largas, com uma saia até aos pés e um toucado alto, atravessava em diagonal a sala de visitas e, como uma cúmplice, dirigia a Sérgio um sorriso de simpatia.

Foi assim que, insensìvelmente, chegou o dia em que, adorado pelo àluno e gozando da estima dos patrões (e difícil seria apurar qual deles era o mais amável, porque cada um, por seu lado, procurava desacreditar o outro no conceito de Sérgio para compensar o corte total de relações entre ambos), Sérgio, com um livro na mão, deixando o aluno correr a seu bel-prazer atrás do gato, passou do pátio ao jardim. As flores dos lilases desfolhados juncavam as áleas como detritos e só duas ou três moitas, do lado em que havia mais sombra, estavam ainda floridas. Era aí perto que, com os cotovelos apoiados numa mesa e a cabeça um pouco reclinada, Mrs. Arild escrevia com aplicação. Um ramo de magnólia balouçando-se levemente por cima da sua cabeça dir-se-ia tentar, em vão, espreitar o que ela escrevia. Mas, interpondo-lhe a sebe frondosa dos seus cabelos castanho-claros e leves, ela ocultava ao mundo inteiro a carta e o seu destinatário. A correspondência aberta espalhava-se sobre a mesa juntamente com a

costura. No céu flutuavam pequenas nuvens de cor lilás e de papel de cartas. Ao mesmo tempo que as refrescava, o próprio céu parecia uma barra imensa de aço acinzentado. Quando ouviu passos, Mrs. Arild enxugou cuidadosamente com um mata-borrão o que acabava de escrever e depois levantou tranquilamente a cabeça. Ao lado do banco que ocupava havia uma cadeira de jardim, de ferro. Foi nela que Sérgio se sentou, e entre os dois travou-se então um diálogo em alemão:

— Eu já li Tchékhov e Dostoievski — começou por dizer Mrs. Arild, passando os braços por trás das costas do banco e fixando os olhos em Sérgio —, e há cinco meses que estou na Rússia. Vós, os Russos, sois piores que os Franceses. Precisais de envolver a mulher em qualquer segredo sórdido para chegardes a acreditar na sua existência. Como se à luz natural ela fosse algo de incolor, qualquer coisa como um pouco de água fervida. Mas quando ela aparece na tela, como um sombra escandalosa que surge

das profundezas, então é outra coisa, uma tal silhueta não a discutem, consideram-na uma jóia preciosa que nenhum preço poderia pagar... Eu não conheço o campo russo, mas, nas cidades, o vosso gosto pronunciado pelos becos e pelas vielas mostra bem que não tendes vida própria, que cada um a seu modo é atraído e arrastado pela dos outros...

E quando ele ia a interrompê-la:

— Espere, ainda não acabei...

Em seguida desviou os olhos de Sérgio e, ao ver em cima da carta uma pétala de lilás caída da árvore, soprou-a com doçura. Instantes depois, debelando uma hesitação inexplicável, continuou:

— Na Primavera passada, em Março, perdi o meu marido. Morreu ainda muito novo, apenas com trinta e dois anos. Era pastor de uma igreja protestante...

— Ouça (Sérgio acabou por conseguir interrompê-la por uma resposta pronta, embora na realidade não fosse isso o que ele queria verdadeiramente dizer-lhe), eu também li Ibsen, e nem por isso a com-

preendo. Julgo que se engana no que pensa de nós. É injusto julgar um país inteiro pelo que se vê numa única casa...

— Ah, é isso? O senhor está a pensar nos Fresteln? Não há dúvida de que tem uma boa opinião a meu respeito... Não, meu amigo, eu estou mais longe de cometer semelhantes erros do que o senhor está, mesmo sendo russo, e vou provar-lho imediatamente. O senhor já descobriu que eles são judeus e que é essa a única coisa que procuram ocultar-nos?

— Mas que absurdo! Onde é que foi descobrir isso?

— Já vê, meu amigo, que mau observador que o senhor é. Pois bem! Estou inteiramente convencida do que lhe disse. E é talvez essa a razão por que detesto tanto a Sr.ª Fresteln. Não, não me interrompa... — continuou com um ardor cada vez maior, sem dar a Sérgio oportunidade para lhe fazer notar a tempo que, pelo pai, esse sangue, que ela detestava, corria nas suas próprias veias, ao passo que nos Fresteln não havia vestígios dele; e, em vez disso, ele teve, con-

tudo, tempo de insinuar (era de novo uma resposta pronta) que tudo o que ela acabara de dizer sobre a concupiscência era Tolstoi puro, o mesmo é dizer que era tudo quanto havia de mais russo entre o que merecia esse nome.

— Mas não é disso que se trata — atalhou ela com impaciência e com uma pressa que traía o seu desejo de não prosseguir no debate, ao mesmo tempo que se chegava mais para junto de Sérgio, sentando-se na borda do banco. — Ouça... (Ela tinha-lhe pegado na mão e falava com voz agitada.) O senhor tem de se ocupar de Harry, mas estou certa de que não o obrigam a lavá-lo todas as manhãs, como também não é, evidentemente, da sua obrigação dar fricções ao Sr. Fresteln todos os dias...

Num gesto instintivo, provocado pela surpresa, Sérgio deixou cair a mão.

— No Inverno passado, em Berlim, quando me ajustei, não se tocou em semelhante coisa. Fui ter com a Sr.ª Fresteln ao Hotel Adlon para fixarmos as condições. Foi como dama de companhia, e

não como criada de quarto, que fui contratada, não é assim? Aqui estou eu sentada diante de si, e parece que sou uma pessoa normal, razoável, não acha? Mas não, não responda por enquanto. (Sérgio fizera novamente menção de interrompê-la.) Era uma colocação num lugar longínquo, com o encanto do desconhecido. Por isso aceitei... O senhor está a medir bem até que ponto me enganaram? Não sei o que achei de estranho, quase desde o princípio, nessa mulher. À primeira vista, não consegui descobri-lo. E depois... tudo começou do outro lado da fronteira, antes de Verjbolovo... Não, espere, ainda não acabei. (Nova tentativa de interrupção.) Eu tinha levado o meu marido a Berlim, para a operação. Morreu-me nos braços, e lá o enterrei. Não tenho família. Não, não é verdade... Tenho-a, realmente, mas isso é outra história... Fica para a outra vez. O que é certo é que me encontrava num estado desesperado e praticamente sem recursos. Surgiu-me então este lugar. Por um acaso que não se imagina, li o anúncio no jornal...

De repente calou-se e recuou para o meio do banco, ao mesmo tempo que fazia a Sérgio um vago sinal com a mão.

A Sr.ª Fresteln atravessava nesse momento, seguida pela governanta, a galeria envidraçada através da qual o corpo do edifício comunicava com a cozinha. Sérgio arrependeu-se logo de ter interpretado mal o movimento espontâneo de Mrs. Arild. De facto, ela não sonhava sequer em esconder-se de ninguém. Antes, pelo contrário, retomando a conversação com uma pressa pouco natural, levantou mais a voz, insinuando nela um tom de arrogância trocista. Todavia, a Sr.ª Fresteln não os ouviu.

— O senhor, às refeições, senta-se à mesa, lá em cima, na sala de jantar, com ela e com Harry, e ainda com os convidados, quando os há. Mas eu... Ah!... Bem ouvi uma vez, quando o senhor se admirou de não me ver à mesa, responderem-lhe que estava adoentada. É certo que tenho frequentes enxaquecas. Mais tarde — lembra-se, com certeza...—, estava um dia o meu amigo de brincadeira

com Harry, depois da sobremesa... — oh!, peço-lhe, não abane a cabeça com tanta satisfação: o que interessa não é que o senhor se lembre, entendamo-nos, mas sim o facto de ter eu quase morrido de vergonha quando entrou a correr na copa — ... sei bem que lhe explicaram que, se eu comia a um canto atrás da porta, na companhia da governanta (a qual, na verdade, prefere realmente assim ...), era porque eu própria o tinha desejado. Pura mentira! Mas não é só isso que custa. Todas as manhãs, quando a Sr.ª Fresteln sai do banho, tenho de a embrulhar numas poucas de toalhas, como se fosse uma criança, e depois esfregar até mais não poder essa preciosidade arrepiada com toalhas, com escovas, com pedra-pomes, e, palavra de honra, não sei mais com quê. É que, na verdade, também não posso mencionar tudo — concluiu baixando a voz de maneira inesperada, e, muito corada, cobrando fôlego como depois de uma corrida, limpou a cara afogueada com um lenço e voltou-a para o seu interlocutor.

Sérgio emudecera, e, pelo seu ar de sofrimento, ela adivinhou quanto tudo aquilo tinha calado profundamente no seu espírito.

— Não procure consolar-me — pediu-lhe ao levantar-se. — Mas não era isso que eu queria dizer-lhe. Eu não falo alemão com suficiente à-vontade. Por isso, nos momentos em que o meu amigo merecer que eu lhe fale com o coração nas mãos, passarei a empregar uma outra língua. Não, não é o dinamarquês. We shall be friends, I'm sure[1].

E, mais uma vez, Sérgio não respondeu como seria seu desejo e disse *gut* em vez de *well*, sem a ter prevenido de que compreendia um pouco de inglês, mas que, para o falar, já tinha esquecido o pouco que aprendera. Quanto a ela, continuando a falar em inglês, lembrava-lhe com calor e simplicidade (para o traduzir em seguida, muito mais friamente, em alemão) que ele não devia esquecer o que há momentos lhe dissera

[1] «Havemos de ser amigos, tenho a certeza.»

sobre os becos e as telas, que ela era nórdica e devota, e por isso não suportava a familiaridade excessiva, que era um pedido e um aviso ao mesmo tempo e que ele devia tomar tudo isso em consideração.

III

Fazia um calor sufocante. Sérgio refrescava à custa do dicionário o seu inglês pouco seguro e mal assimilado. À hora das refeições subia com o pupilo à sala de visitas, onde ficavam uns instantes a passear, enquanto esperavam pela Sr.ª Fresteln. Após a chegada desta, deixavam-na passar à frente, respeitosamente, e seguiam atrás dela até à sala de jantar. Frequentemente, Mrs. Arild chegava uns cinco ou seis minutos antes dela. Então Sérgio cavaqueava ruidosamente com a dinamarquesa, e, quando a dona da casa chegava, despedia-se da sua interlocutora sem dissimular o seu pesar. A Sr.ª Fresteln abria o pequeno cortejo de três pessoas que se dirigia para

à sala de jantar, enquanto a dama de companhia, que seguia na mesma direcção, se desviava cada vez mais para a esquerda, à medida que se iam aproximando da porta, até que se separavam de todo.

Há algum tempo que a Sr.ª Fresteln se devia ter habituado já ao costume teimoso que Sérgio tinha de chamar pequena copa à sala de jantar e copa principal à divisão contígua, onde se trinchavam as galinhas e se dispunha o gelo nos pratos. Mas estava sempre à espera de novas extravagâncias da parte dele, porque o considerava um original nato, ainda que não compreendesse metade dos seus gracejos. Tinha a maior confiança no preceptor do filho, e deve dizer-se que não se enganava a seu respeito. Por seu turno, ele continuava a não lhe ter qualquer espécie de aversão, como, de resto, a não tinha a ninguém deste mundo. Ele só era capaz de detestar verdadeiramente o seu único inimigo, e esse inimigo era uma vitória sobre a vida, demasiado fácil e provocante, uma vitória

que passasse à margem de tudo o que a vida tem de mais difícil e de mais precioso. E as pessoas susceptíveis de personificarem essa possibilidade não são tão numerosas como isso...

Depois das refeições, bandejas inteiras de harmonias quebradas e estilhaçadas precipitavam-se da escada abaixo. Elas rolavam e rebentavam em explosões inesperadas, mais bruscas e mais impressionantes do que as das pilhas de pratos que a imperícia dos criados de mesa deixava cair. Entre estas quedas impetuosas, os tapetes punham verstás de silêncio. Era Arild que, lá em cima, para além de várias portas duplas, almofadadas e bem fechadas, tocava Schumann ou Chopin ao piano. Em tais instantes, mais do que noutros, não se podia fugir à tentação de ir até à janela. Mas lá fora nada mudava, o céu permanecia insensível às grandes efusões emotivas. Continuava a erguer-se como um pilar de calor e aguentava-se firme na sua secura monótona, enquanto cá em baixo, 50 verstás em redor, nos cinco armazéns de merca-

dorias, por trás da muralha da Cidade Chinesa e no centro mesmo do deserto de tijolos, dançava um mar morto de poeira, semelhante a uma fogueira de sacrifício atiçada por vários lados a um tempo.

Havia qualquer coisa que não caminhava bem. Os Fresteln, em vez de partirem para o campo, já estavam a demorar-se na cidade mais do que seria de esperar. Por seu turno, Mrs. Arild continuava em casa dos Fresteln, apesar do seu desejo de se ir embora. De súbito, a sorte encarregou-se de trazer uma justificação a tudo isto precisamente no momento em que o facto de ninguém atar nem desatar começava a tornar-se incompreensível e a espantar toda a gente. Foi o caso que Harry apanhou sarampo, e, agora com toda a naturalidade, a partida para o campo foi adiada para depois da sua cura. Entretanto, os turbilhões de areia não amainavam, a chuva continuava a não dar sinal de si e, a pouco e pouco, toda a gente se habituou a este estado de coisas. Começou mesmo a dar a impressão de que era

sempre o mesmo dia que por longas semanas se repetia como se se tivesse fixado abusivamente no tempo muito para além das vinte e quatro horas que lhe cabiam. Deixaram-no criar forças, estender raízes, e agora ninguém o arrancava, apesar de todos estarem fartos dele. Já nem sequer havia um cão que o não reconhecesse na rua. E se não fossem as noites, que exalavam ainda vagas sombras de um não sei quê de diferente, dir-se-ia que era necessário mandar chamar os oficiais de diligências para virem selar as portas do calendário embargado.

As ruas dançavam, quais canteiros de dormideiras em plantações ambulantes. Ao longo dos passeios sonolentos, deixando pender as cabeças meio ocas, moviam-se sombras cinzentas e desmaiadas. Uma única vez, num domingo, Sérgio e a dinamarquesa tiveram a coragem de sacudir o torpor que os atormentava, para se arrancarem à atmosfera deprimente da cidade. Foram a Sokolniki. Contudo, também ali o mesmo cheiro a queimado

se estendia por sobre os lagos, com a única diferença de que na cidade a mormaceira escapava aos olhares, ao passo que aqui se tornava bem visível. Era uma faixa horizontal, misto de pó, de neblina e de fumo de locomotiva, que barrava o bosque sombrio como uma régua de secretária, e, bem entendido, esse fantasma realista era muito mais opressivo do que o simples calor sufocante da rua.

Essa faixa ficava, contudo, em suspenso por cima da água a uma distância suficiente para permitir a livre passagem dos barquinhos de recreio por baixo dela; e quando as donzelas, dando gritinhos de susto, passavam do banco traseiro para os remos, os pretendentes que as acompanhavam, ao levantarem-se para lhes ceder o lugar, tocavam com os chapéus esse depósito de espuma levemente ensanguentada. Ao fundo do lago, o crepúsculo fumegava com um sussurro ácido e sibilante. O seu clarão de púrpura era como uma massa em fusão afogada no lodo. E da mesma margem, por entre bolhinhas de água que se for-

mavam para logo estalarem, vinha o queixume viscoso e prolongado do coaxar das rãs.

Entretanto, caía a noite. Arild falava, contìnuamente, em inglês. E Sérgio respondia-lhe, sempre a propósito. Ambos rodopiavam cada vez mais depressa num labirinto que os reconduzia sempre ao mesmo ponto de partida, sem deixarem, ao mesmo tempo, de caminhar a direito para a paragem término da linha dos eléctricos. Adiantavam-se, nìtidamente, aos demais passeantes. De todos os pares que enchiam o bosque, foi este precisamente o que com mais inquietação viu aproximar-se a noite e que se pôs a fugir na frente dela, como se ela corresse em sua perseguição. E de cada vez que um deles olhava para trás, dir-se-ia que era para medir a velocidade dessa perseguição. E na sua frente, em todos os caminhos que tomavam, o bosque inteiro se levantava, de todos os lados, como uma presença fantástica. Eram como duas crianças assustadas. Umas vezes davam-se as mãos, outras retiravam-nas,

confundidos. Por momentos perdiam o domínio da própria voz, que parecia perder-se num murmúrio em voz alta ou num grito longínquo, quebrado pela distância. Mas, na realidade, nada disso acontecia: ambos pronunciavam as palavras como devia ser. Ela, por instantes, tornava-se mais leve e mais transparente do que uma pétala de túlipa, enquanto ele se sentia invadir pela febre interior de um vidro de lâmpada. Então ela via-o lutar contra o apelo escaldante e sombrio ao qual ela própria se sentia com poucas forças para resistir. Silenciosamente, olharam-se bem nos olhos, para logo depois despedaçarem dolorosamente, como algo de orgânico e de vivo, esse sorriso de duas faces deformado por uma súplica de misericórdia. E Sérgio, então, ouvia de novo as palavras a que já de há muito se tinha submetido.

Rodopiavam cada vez mais depressa nesse labirinto de veredas inextricáveis e, ao mesmo tempo, chegavam à paragem, donde se ouviam já os toques contínuos dos eléctricos que fugiam diante

dos ramos nus das árvores lançados em sua perseguição ao longo de toda a Stromynka. As campainhas dos eléctricos pareciam salpicar as janelas iluminadas. Exalavam frescura, como se fossem poços. Em breve, nos seus socos de madeira, a orla do bosque, que era a sua parte mais poeirenta, abandonou o chão de terra solta para descer ao pavimento de pedra. Tinham entrado na cidade.

«Que indelével humilhação é preciso ter-se sofrido», pensava Sérgio, «para se identificar com o passado, antecipadamente, todos os imprevistos futuros e para se chegar ao desejo imperioso de uma terra totalmente nova, que nada tenha de comum com aquela em que se suportaram tantas ofensas e tantos dissabores!»

Por essa época, a ideia da riqueza começou pela primeira vez na sua vida a dominá-lo. Atormentava-o a urgência que havia em achá-la fosse por que preço fosse. Se o conseguisse, havia de dá-la toda inteirinha a Arild e pedir-lhe que a

distribuísse à sua volta, mas apenas às mulheres. Havia mesmo de indicar-lhe ele próprio algumas das que deviam ser as primeiras contempladas. E seriam milhões e mais milhões, e as contempladas, por sua vez, iriam partilhá-la com outras, e estas com outras, e assim sucessivamente.

Harry ia melhorando, mas a Sr.ª Fresteln nunca o abandonava. Continuavam a fazer-lhe a cama na sala de estudo, para estar mais próximo do filho. Sérgio saía à noite e só voltava ao amanhecer. Atrás da porta, a dona da casa dava voltas na cama, tossia e tudo fazia para lhe dar a entender que reparava que ele recolhia a horas inconvenientes. Se ela lhe tivesse perguntado donde é que vinha, ele ter-lhe-ia dito, sem hesitar, qual o destino das suas surtidas. Ela pressentia-o e, receando o ar sério que ele teria assumido ao responder-lhe, e que ela teria de aceitar como um sinal de reconhecimento, deixava-o em paz. E ele voltava

dessas saídas misteriosas com o mesmo clarão distante nos olhos que tinha quando regressara do passeio a Sokolniki.

Uma após outra, várias mulheres surgiram, no decurso dessas noites, à tona da rua, como que arrancadas ao nada, quer pelos seus atractivos, quer pelo simples acaso. Três novas narrativas de mulheres foram, uma após outra, alinhar ao lado da narrativa de Arild. Por motivos que não é fácil explicar, essas confidências extravasavam-se sobre Sérgio. Não era ele que as procurava, até porque, no seu entender, isso seria uma vileza. Como para explicar a confiança instintiva que as atraía para ele, uma delas disse-lhe que ele tinha, dir-se-ia, qualquer coisa de comum com elas.

Foi precisamente a mais pervertida e a mais empoada de todas, a de ar mais canalha, que lhe disse isso, aquela mesma que até ao fim dos seus dias havia de tratar toda a gente por tu, que desafiava o cocheiro, queixando-se de ser friorenta, em termos que não se po-

dem repetir, ou que nivelava tudo o que abordava por todas as formas ondulantes da sua beleza enrouquecida. O quarto dela, no primeiro andar de uma casa tosca de cinco janelas, coxa e fedorenta, tinha precisamente o mesmo aspecto que têm as mais pobres habitações burguesas. Cortinados de pano barato pendiam das paredes, a que estavam também pregadas, aqui e além, fotografias e flores de papel. No espaço que ficava entre duas janelas curvava-se uma mesa dobradiça, cujas abas iam tocar os parapeitos de ambas. Em frente, junto de um tabique cortado a meia altura, havia uma cama de ferro. E, no entanto, apesar da sua semelhança com uma habitação humana, esse antro era, no fundo, qualquer coisa de muito diferente.

Capachos estendiam-se sob os pés dos visitantes com raro servilismo, e, convidando-os a não se incomodarem com a locatária, pareciam eles próprios prontos a dar o exemplo da maneira como ela devia ser tratada. A satisfação

dos desejos dos outros era o seu único fito. Tudo vivia às claras, ao sabor da corrente, num turbilhão de dilúvio. As próprias janelas pareciam aqui debruçar-se da rua para o quarto, e não do quarto para a rua. Os objectos domésticos, de que os muitos conhecimentos duvidosos da dona tinham inundado a casa, flutuavam sem constrangimento e ao sabor do acaso no vasto sulco traçado pelo nome de Sachka.

De resto, ela pagava-lhes na mesma moeda. Tudo que empreendia, fazia-o como de passagem, por grandes vagas e de uma maneira sempre igual, sem recaídas nem recrudescências. Era pouco mais ou menos da mesma maneira que ela, sem deixar de contar qualquer coisa, lançava ao ar os braços firmes para se despir e que depois, ao amanhecer, apoiando o ventre na beira da mesa e derrubando as garrafas, acabava de beber os restos que estavam no fundo do seu copo e do de Sérgio. E era mais ou menos no mesmo estilo, e em grau semelhante, que, de pé, com a longa camisa

vestida, voltando as costas a Sérgio e respondendo-lhe por cima do ombro, enchia sem pudor (e também sem impudor...) a bacia de lata que tinha trazido a velhota que lhes abrira a porta. Nenhum dos seus movimentos se deixava prever, e as cinzas de impudor, ainda incandescentes, que faziam erguer e descer o tom da sua voz de cana rachada, eram também as que lhe soltavam as madeixas de cabelos e ardiam nas suas mãos atentas. Era precisamente na uniformidade desta presteza que consistia a sua resposta ao destino. Tudo o que há de realmente humano se levantava aqui, como sobre uma polé, clamando e praguejando, no topo de uma miséria visível de toda a parte. E nos arredores que se descobriam deste cume de degradação dir-se-ia que se impunha como um dever uma entrega total ao espírito, mesmo neste ambiente e no próprio instante, e que cada um, ao rumor da sua própria emoção, podia ouvir os espaços desertos do universo inteiro cobrir-se, todos a um tempo e a toda a pressa,

de estações de um calvário redentor. Mais picante do que todos os pimentos, era o cristianismo e a sua picante advertência que aqui se respirava.

Ao fim da noite, o tabique foi sacudido por um sinal invisível do pátio. Era o protector de Sachka que entrava de rompante em casa. O faro da presença de outrem, que era o seu rendimento mais certo, não o abandonava mesmo no mais profundo estado de embriaguez. Pé ante pé, deslocando sem ruído as suas botifarras, mal entrou atirou-se pesadamente para cima de qualquer coisa do lado de lá do tabique, e em breve deixou de existir sem ter dado sinal de vida. Com certeza não havia mais do que uma tábua entre o leito mercenário e a sua tarimba silenciosa. Era provàvelmente uma arca... Mal ele começava a ressonar quando uma ratazana, como um buril vivo e ávido, o atacou por baixo. Mas de novo se fez silêncio. O ressonar cessou de repente, a ratazana acachapou-se e um ar como que familiar atravessou o compartimento. As coisas pre-

gadas e coladas tinham reconhecido o seu dono. O que aqui não se ousava fazer, ousava-o o ladrão do outro lado do tabique. Sérgio saltou da cama.

— Onde é que vais? Olha que ele mata-te! — sussurrou, angustiada, Sachka, e, estendendo-se através da cama, agarrou-o pela manga da camisa. — Olha que não és só tu que te arriscas, também eu depois tenho de aturá-lo...

O próprio Sérgio não sabia o que o movia. Em todo o caso, o seu despeito não era o que Sachka imaginara, ainda que a paixão que ela ia despertando cada vez mais no seu coração não fosse menos viva. E se alguma vez algo foi dado ao homem, tal um engodo, como penhor da sua marcha eterna, era precisamente esse instinto: era o ciúme que nos inspiram por vezes a mulher e a vida perante a morte, esse rival desconhecido, quando nos precipitamos para o ar livre numa ânsia que é ao mesmo tempo de liberdade nossa e de libertação daquela que é o objectivo dos nossos ciúmes. E, claro está, era sempre

o mesmo pimento que mais uma vez se fazia sentir.

Era ainda muito cedo. Do outro lado da rua, nas grandes portas dos celeiros, vislumbravam-se já as folhas vergadas dos triplos batentes de ferro. As janelas tinham a cor acinzentada da poeira e estavam em parte atulhadas de pedras redondas, destinadas à pavimentação da rua. A aurora estendia-se, como numa balança, em equilíbrio sobre a Porta Tverskaïa-Yamskaïa, e o ar era como uma leve poalha de feno que ela tivesse, ininterruptamente, peneirado. Sachka estava sentada junto da mesa. Uma agradavel sonolência dava-lhe a sensação vaga de um doce naufragar e arrastava-a como uma espécie de corrente. Ela tagarelava sem parar e o seu falar era como o sono de um animal saudável.

— Irmã Pecadora, Irmã Pecadora, então! — repetia num murmúrio Sérgio, sem ouvir as suas próprias palavras.

Estava sentado no parapeito da janela. Na rua começavam a passar as primeiras pessoas.

— Não, tu não és médico — dizia Sachka, reclinada sobre a mesa. Umas vezes apoiava a cabeça no cotovelo, outras vezes, esticando o braço, olhava-o lentamente de perfil, correndo-o todo com a vista, do ombro ao pulso, como se não fosse um braço, mas um caminho interminável, ou a sua própria vida, que só ela podia ver. — Não, tu não és médico. Os médicos são diferentes. Eu reconheço-vos bem, aos homens. É muito fácil, mas não sei explicar... Às vezes, por exemplo, um homem vem atrás de mim, não o vejo, mas as minhas costas é que o reconhecem. Um professor, aposto? Ora aí está, vês? Ai, se soubesses, tenho um medo louco de apanhar frio! Mas tu não és médico, é inútil consultar-te. Ouve, tu não serás, por acaso, tártaro? Hás-de voltar, sim? Volta de dia. A direcção, vê bem, não vais perdê-la, pois não?

Falavam baixinho, e Sachka ora era sacudida por um risinho perlado e malicioso, ora era vencida pelos formigueiros e pela vontade de bocejar. Com uma

glutonaria infantil, ela saboreava, como se fosse a sua dignidade recuperada, esta quietude que os humanizava, a ela e a Sérgio; a este, se possível, ainda mais...

No decurso da cavaqueira — ela tinha chamado à Polónia reino da Polónia...—, Sachka teve um meneio de cabeça fanfarrão para apontar, na parede, rodeado por uma série de fotografias, como no meio de um ninho muito aconchegado, o retrato muito brilhante de um garboso sargento, e nesse gesto desvendou a Sérgio, como numa confissão, tudo que havia de mais caro e de mais longínquo na sua vida, e provàvelmente a causa e a origem de tudo. Era certamente para ele que a conduzia, do ombro ao pulso, o seu braço bem vivo e presente, mas perdido na distância. E, quem sabe?, talvez não. Num rompante, a aurora ateou-se de todos os lados, como feno seco, e como feno se consumiu toda num ápice. As moscas puseram-se a marinhar pelas vidraças abauladas e cheias de bolhas. Os candeeiros de iluminação pública e as brumas trocavam bocejos de

animais ferozes. O dia, depois de ter, como um ovo, chocado algum tempo debaixo do chão, todo se incendiou de repente em pirotecnia de chispas. Então Sérgio sentiu que nunca a ninguém tinha amado tanto como a Sachka, e logo pelo seu pensamento perpassou a calçada, lá mais longe, para o lado dos cemitérios, coberta de manchas avermelhadas, como pedaços de carne crua, necessàriamente, onde o empedrado é mais longo e menos denso, como nos subúrbios. Vagões vão e vêm, vão e vêm contìnuamente, e atravessam-na deslizando com suavidade, vazios ou cheios de gado. De repente produz-se qualquer coisa como uma catástrofe, intercepta-se o movimento, um troço seccionado da rua surge das profundezas. São plataformas vazias que avançam com o mesmo ritmo, uma expulsando a outra, mas uma espessa muralha de gente e de carroças não deixa vê-las. O local está cheio de ortigas e de morriões e, sem o odor a queimado, cheiraria a rato dos campos. E é aqui que se agita

Sachka, garota de 6 anos, finória e desenvolta. Finalmente, atrás dos vagões, como que atrasada, passa, apressada e esfalfada — parecendo perguntar às pessoas se não viram os vagões, se eles não passaram por ali... —, passa, passa às arrecuas, a locomotiva negra, coberta de suor. Levanta-se a cancela da passagem de nível, a rua como que toma balanço para partir como uma flecha, e as carroças e os cálculos dos homens vão num ápice esmagar-se uns contra os outros, num amálgama de destroços. E lá ao fundo, como o estômago ardente de um monstro, como um saco de erva torcido com um triplo nó, o fumo da locomotiva vem despenhar-se no meio da rua, fazendo lembrar os nacos de fressura que são o alimento dos pobres dos arrabaldes. E Sachka atrapalha-se e olha-o de soslaio — como esse fumo é aterrador, por entre os cafés e os armazéns coloniais, as tabacarias, os telhados de zinco, e os agentes de polícia —, ao mesmo tempo que algures alguém escreve *A Infância de Uma Mu-*

lher, pensando nos seus olhos e nos seus calcanhares.

O pavimento cheira a aveia e o sol exaspera o cheiro a urina de cavalo, a ponto de lhe fazer dores de cabeça.

E depois, aí está, ela apanhou frio, aconteceu realmente o que ela tanto receava, perdeu os olhos e os calcanhares, o nariz e o bom senso, e antes de se deitar numa cama do hospital ou na campa (porque não?) ela entra um instante para folhear um livro onde, segundo lhe tinham dito, tudo isso estava escrito, mas tudo, absolutamente tudo, e estava-o, com efeito: como louca tinha vivido e louca havia de morrer. Não pode sequer ficar no passeio, levam-nas todas como um rebanho (mas que é que lhe passou pela cabeça, vamos!). Contam-lhe histórias, e ela, a imbecil, que ia já acreditar nelas! É simplesmente espantoso! Tudo isso não se passou com ela, foi com outra: a outra não tem sequer um nome russo e vive noutra cidade. Veja-se: o agente de polícia, no livro, tem um fato de algodão, com um galão, e ela tam-

bém lá está, é aí que se deve ler. E depois, ao fundo (pressão súbita no gatilho nojento) —, ta-ta-ta... ta-ta-ta... — e é o fim de tudo. Ora, na vida real, os agentes de polícia são mais amáveis. Levam as mulheres presas, mas não lhes fazem mal, e os clientes decentes ainda por cima as protegem.

— Que é que tu tens, que estás tão pensativo? Tu devias observar um pouco melhor as outras. Quanto a mim... não me dês atenção, eu que é que sou ao lado delas? Sou apenas uma pobre mulher. Não faças caso das horas que são nem de mais nada — estão a dormir talvez, dirás —, tu compreendes-nos bem, a nós outras. Ah!, não posso mais. Ah!, tu és extenuante! Ah! Ah! Ah!... Vem de dia. E não penses nele. Não tenhas medo dele, não é mau, isto é, claro está, quando não lhe fazem mal. Estás a ver, tu entras e ele sai logo; ou então dorme; acorda-o, se puderes, mas tens de começar por achá-lo. Está tão escuro que não se sabe onde se põe os pés. E eu pergunto a mim mesma que é

que ele te fez, nem sequer te incomodou. Antes de ti, outros houve, e não se importaram. Gente fina, podes crer, da tua classe. Bom, acabei, só falta um pouco de pó-de-arroz... Dá-me daí a minha mala, não vá eu esquecê-la... Bem, vamos, vou acompanhar-te até à Sadovaïa; poderias aborrecer-te no regresso, são coisas que acontecem. De manhã ou de tarde, tanto faz, pisca-se o olho e eles vêm, vêm, só há que pescá-los. Não vais para o Strastnoï? Bom, está bem, até à vista, e não esqueças. Eu agora quero ir sòzinha, os machos preferem assim... E não vás perder a minha direcção, não?

As ruas em jejum eram impetuosamente direitas e enfadonhas. Através da sua solidão aberta de par em par errava ainda o apelo estridente do vácuo, azulado e luxurioso. Encontravam-se isoladamente, de tempos a tempos, canibais descarnados. Ao longe, na calçada, um trem, galopando, martelava sempre o mesmo sítio com o seu peitoral oco de pombo. Sérgio caminhava para os Samo-

tioki, e a 1 verstá do Arco do Triunfo pareceu-lhe ouvir que alguém assobiava a Sachka de um passeio para o outro e ela abrandava o passo, por capricho e para saber quem é que levaria a melhor, isto é, qual dos dois, o que assobiava ou a assobiada, teria de atravessar a rua. Se bem que o dia mal tivesse ainda começado, fios emaranhados de calor pendiam já no caos da folhagem das tílias como migalhas em barbas de defuntos.

E Sérgio sentia calafrios...

IV

O que era preciso, quanto antes, era fazer fortuna. Fazê-la e não ganhá-la, bem entendido. O dinheiro ganho não é uma vitória, e sem vitória não pode haver libertação. E, quanto possível, sem grandiloquência, chãmente, sem o misterioso prestígio que envolve as lendas. Pois não tinha a própria tragédia de Galileia começado por ser um mero assunto local, e que depois trasbordara para a rua, para mais tarde vir a espalhar-se pelo mundo inteiro? Ganharia milhões, e bastaria que o turbilhão destas cifras passasse pelas mãos das mulheres, percorrendo que fosse uma só das Tverskaïa-Yamskaïa, para que todo o universo se inundasse de luz. E era

isso que era preciso — uma Terra inteiramente nova desde os seus fundamentos.

«O essencial», pensava Sérgio, «é que, em vez de se despirem, elas se vistam; o que mais conta é que, em vez de receber dinheiro, elas o dêem. Mas antes de realizar este plano (um plano que nem sequer existia) será preciso arranjar para já uma quantia mais modesta, digamos, duzentos rublos, ou, pelo menos, cento e cinquenta. (Neste ponto surgia perante a sua consciência Nioura Rioumina e Sachka também, e Ana Arild Tornskiold, que não era a última a aparecer-lhe.) E todas estas somas tinham um destino diferente. Tanto assim era que se podia, como medida provisória, recolhê-las, sem hesitar, de uma fonte honesta. «Ah! Raskolnikov![1] Raskolnikov!», invocava Sérgio. «Mas que vem fazer aqui a usurária?[2] A usurária é Sachka na sua velhice, sim... Mas, utilizando mesmo

---

[1] Personagem central do famoso romance *Crime e Castigo*, de Dostoievski.

[2] A vítima de Raskolnikov.

vias lícitas, onde ir buscá-las? Eis a questão. Já recebi dois meses adiantados dos Fresteln e não tenho nem um objecto para vender...»

Era nos primeiros dias de Junho. Tinham começado com os passeios de Harry. Em casa faziam-se os preparativos para a partida para as férias. Arild retomara as suas pesquisas, interrompidas durante a doença de Harry, e voltava a ausentar-se com frequência.

Tinha recebido uma proposta para um novo emprego em casa de uma família de militares, que morava longe, nos arrabaldes de Poltava.

— Not Souvoroff, the other[1] — disse ela, nas escadas, carregando fortemente nos *rr*, com demasiada preguiça para subir a procurar a carta. — I always forget[2].

E Sérgio enumerava todos os nomes possíveis, desde Koutouzov a Kouropatkine, até que se chegou à conclusão de que o verdadeiro nome era Skobelev.

[1] «Não era Souvoroff, era outro.»

[2] «Eu esqueço-me sempre.»

— Awfully! I cannot repeat. How do you pronounce it?[1]

As condições eram vantajosas, mas mais uma vez foi obrigado a retardar a sua decisão. E a razão era esta: mal recebera a proposta, adoecera, e tão gravemente que toda a gente se convenceu de que Harry lhe havia pegado o sarampo. No entanto, a febre que a amarrara à cama desde a primeira noite, e que subira a mais de 40°, descera com a mesma rapidez no outro dia de manhã até aos 35° e alguns décimos. Tudo isto tinha permanecido um mistério que o médico não esclareceu e enfraquecera ao máximo a pobre rapariga. Agora o acesso estava no fim e tinham voltado a ecoar pela casa duas ou três vezes já, como o ribombar do trovão, os acordes do *Aufschwung*[2], como nos tempos em que os dilemas de Raskolnikov nem sequer acudiam ao espírito de Sérgio.

---

[1] «Que nome horrível! Não sou capaz de repetir. Como é que se pronuncia?»

[2] Peça para piano de Schumann. *(N. do T.)*

Nessa manhã, a Sr.ª Fresteln tinha levado Harry a casa de uns amigos, na Kliazma, com a intenção de passar aí a noite, se o tempo o permitisse e a ocasião se lhe oferecesse. O dono da casa também estava ausente. Para lhe ser útil, Lavrenti lembrou-se de propor a Sérgio servir o almoço no rés-do-chão, mas este não quis alterar os hábitos dos criados, e, sem mesmo se aperceber disso, foi almoçar ao andar superior, em estrita conformidade com a hora habitual e mesmo com o lugar que ocupava à mesa, o segundo à direita.

Eram 17 horas e os donos da casa tinham saído. Sérgio pensava ora nos milhões, ora nos 200 rublos, e, andando de um lado para o outro, no quarto, entregava-se a estas reflexões. Subitamente apossou-se dele um instante de uma qualidade tão particular que, esquecendo tudo, estacou, suspenso, e apurou o ouvido, perplexo. O quarto, inundado de sol, pareceu-lhe apenas mais nu e mais vasto que de costume. Podia voltar ao que o ocupava. Mas não havia maneira.

De pensamentos não havia rasto. Já não sabia o que estava a pensar e pôs-se a procurar à pressa, quanto mais não fosse, um dos sinais verbais daquilo que pensava, porque à designação das coisas o cérebro responde por inteiro como ao chamado do seu nome e, acordando do seu entorpecimento, acorre à lição à qual momentâneamente se recusara. No entanto, estas tentativas não foram coroadas de melhor êxito. Pelo contrário, ainda agravaram mais a distracção. Só lhe vinham ao espírito ideias totalmente diferentes.

De repente lembrou-se do seu encontro com Kovalenko, na Primavera passada. De novo a narrativa falsamente prometida e inexistente jorrou na sua memória, sob a forma de uma obra já pronta e acabada. Mal conteve um grito ao compreender que era ali que estava o dinheiro procurado, se não o tesouro sonhado, pelo menos o outro, a honesta centena, e, depois de ponderar muito bem e puxar a cortina da janela do meio para fazer sombra sobre a mesa, decidiu

escrever ao redactor, sem se deter mais no assunto. Passou a correr sobre as fórmulas usuais e os primeiros pormenores insignificantes. Não se sabe o que teria ele escrito quando abordasse o assunto, porque nesse mesmo momento os seus ouvidos foram impressionados pela mesma estranha sensação de há instantes. Desta vez conseguiu perceber do que se tratava. Era o sentimento de uma aspiração provocada por um vácuo nostálgico e prolongado. A sensação dizia respeito à casa. Ela dizia-lhe que esta estava naquele instante vazia, quer dizer, abandonada de toda a vida, salvo Sérgio e as suas preocupações. «E Tornskiold?, pensou, e logo se lembrou de que, desde a tarde, ela não aparecera em casa. Afastou ruidosamente a sua poltrona. Deixando escancaradas a porta da sala de estudo, a do quarto do pupilo e outras portas ainda, correu para o vestíbulo. No postigo da porta manca que dava para o pátio ardia a tepidez das 17 horas, branca como areia. Vista de cima, pareceu-lhe ainda mais miste-

riosa e sangrenta. «Que estouvamento», pensou, passando ràpidamente de uma sala à outra (não as conhecia todas); «janelas abertas por todos os lados, nem vivalma em casa ou no pátio; podiam levar tudo, sem ninguém dar por isso. Mas, também, para quê andar aqui à toa? Antes que eu descobrisse alguma coisa, o que não poderia acontecer?». Deu meia volta precipitadamente, desceu as escadas e saiu a correr pelo portão, como se a casa estivesse em chamas. E, de facto, como se tivessem dado o alarme para um incêndio, nesse momento a porta do porteiro abriu-se no fundo do pátio.

— Egor! — gritou Sérgio, com a voz alterada, ao homem que corria ao seu encontro de boca cheia e a limpar o bigode e os lábios com a ponta do avental. — Diz-me lá, se fazes favor, qual é o caminho para os aposentos da francesa. (Não teve coragem de a não chamar «Frantsoujinka», porque era esse precisamente o nome que os criados davam à dinamarquesa, como, aliás, a todas

que a tinham precedido.) Depressa, fazes favor, Margarita Ottonovna encarregou-me esta manhã de lhe dar um recado, e só agora é que me lembrei.

— Olhe, a janela é além — indicou o porteiro, mascando as palavras e engolindo à pressa o que tinha na boca; em seguida, levantando a mão e virando o pescoço descoberto, pôs-se a explicar ràpidamente, num outro tom de voz, sem olhar para Sérgio e com os olhos sempre fixos na casa vizinha, o caminho que se devia tomar para chegar até lá.

Sérgio compreendeu que uma parte do pobre edifício de dois andares, de tijolos nus, que confinava com a vivenda no canto direito, e a qual os Fresteln alugavam a um hoteleiro, estava reservada para seu uso próprio e que o acesso ao rés-do-chão se fazia por um corredor que ladeava os quartos das crianças. Esta estreita banda, separada do resto do edifício por uma parede maciça, tinha um só compartimento em cada andar. Era no segundo, justamente, que se encontrava a janela da dama de companhia.

«Onde vi eu já isto?», perguntava a si mesmo Sérgio, martelando com os seus passos o corredor, quando, na divisória dos dois patamares, as pranchas inclinadas do soalho suplementar estalaram ruidosamente sob os seus pés. Ia lembrar-se, mas não insistiu, pois no mesmo instante ergueu-se diante de si uma escada de caracol, que, absorvendo-o na sua espiral, lhe amorteceu um pouco o ímpeto da carreira, forçando-o assim a tomar fôlego. Mas as pulsações do coração eram ainda bastante ruidosas e precipitadas quando atingiu o último degrau e se viu, por fim, diante da porta do quarto. Sérgio bateu, mas sem obter resposta. Então empurrou, com mais força do que convinha, a porta, que se abriu estrepitosamente e embateu pesadamente na parede sem provocar o menor protesto. Este som, mais eloquente do que qualquer outro, informou Sérgio de que não havia ninguém em casa. Soltou um suspiro, deu meia volta, e já se inclinava para agarrar o corrimão quando se lembrou de que havia dei-

xado a porta escancarada, e voltou atrás para a fechar. A porta abria para a direita, e era para aí que era preciso olhar para empunhar o puxador, mas Sérgio lançou para a esquerda um olhar de ladrão, e ficou petrificado.

Sobre o cobertor de lã, os calcanhares altos como que apontados para o visitante, a saia toda lisa e largamente estendida, solene e hirta como uma morta, Mrs. Arild estava deitada de costas. Os seus cabelos pareciam negros e não havia pinga de sangue no seu rosto.

— Ana, que aconteceu? — gritou Sérgio, e o fluxo de ar que passou nesse grito jorrou-lhe do fundo do peito, quase o abafou.

Lançou-se para a cama e ajoelhou-se diante dela. Com uma das mãos soergueu a cabeça de Arild, com a outra pôs-se a procurar-lhe o pulso, numa precipitação incoerente. Apertava de mil maneiras as articulações geladas do pulso sem poder encontrá-lo. «Meu Deus! Meu Deus!», e estas palavras ressoavam-lhe nos ouvidos e no peito mais

fortemente do que um galope de cavalo, enquanto, com os olhos cravados na palidez ofuscante das suas pálpebras cerradas e duras, se sentia arrastado pelo peso da sua nuca numa queda vertiginosa e sem limites. Sufocava, a ponto de lhe parecer que desmaiava. Sùbitamente, ela voltou a si.

— You, friend?[1] — balbuciou indistintamente, e abriu os olhos.

Não foram os únicos a reencontrar o dom das palavras. Tudo se pôs a falar no quarto, que se encheu de ruído, como se tivesse sido invadido por um bando de crianças. O primeiro gesto de Sérgio foi de um pulo pôr-se de pé e ir fechar a porta. «Ah! Ah!», repetia ele com monossílabos de beatitude, andando pelo quarto sem rumo e precipitando-se a cada instante, ora para a janela, ora para a cómoda. Se bem que o quarto, que era virado ao norte, flutuasse numa penumbra violeta, podiam-se decifrar os rótulos farmacêuticos em todos os

[1] «Ah, é o meu amigo?»

cantos e tornava-se supérfluo levar à luz um a um todos os frascos e garrafas para os reconhecer. A única razão que ele teria para o fazer era dar livre curso à sua alegria, que exigia uma expressão espaventosa. Arild recobrara todo o conhecimento e não cedia às instâncias de Sérgio senão para lhe agradar. Foi por ele que ela acedeu a respirar os sais, e a agrura do amoníaco penetrou-a tão instantâneamente como a qualquer pessoa de perfeita saúde. O seu rosto banhado de lágrimas enrugou-se de espanto, os seus sobrolhos carregados levantaram-se e ela repeliu a mão de Sérgio num gesto cheio de força recuperada. Ele obrigou-a também a tomar valeriana. Quando acabou de esvaziar o copo de água, arrimou os dentes às bordas do copo e gemeu como fazem os bebés para exprimir a plena satisfação de um desejo.

— Então, que é feito dos nossos amigos comuns? Já de volta ou ainda a passeio? — perguntou ela, colocando o copo sobre a mesa-de-cabeceira e passando a língua pelos lábios; depois, levantando

o travesseiro para se sentar à sua vontade, informou-se da hora.

— Não sei — respondeu Sérgio —; deve faltar pouco para as seis.

— O relógio está em cima da cómoda; veja, faz favor — pediu-lhe ela, e logo acrescentou, com espanto: — Não percebo porque é que está a olhar para aí. O relógio está mesmo em frente dos seus olhos. É isso, é Arild. Um ano antes de morrer.

— Que fronte espantosa!

— Sim, não acha?

— E que energia! Um rosto impressionante... Cinco menos dez.

— E agora ainda a minha manta, se faz favor, ali, em cima do baú. Aí. Obrigada, obrigada, isto vai bem... Creio que vou ficar deitada ainda um bocado.

Sérgio sacudiu a janela, que lhe oferecia resistência, com um puxão forte, abriu-a de par em par. O quarto estremeceu e soou a oco, como se tivessem batido num sino, ao mesmo tempo que se soltou uma baforada lânguida, em que era possível reconhecer o cheiro de dentes-de-leão

de mistura com o odor a erva e a borracha das barreiras vermelhas das avenidas. E, num jacto, a chilreada dos gaivões projectou-se no tecto.

— Tome, ponha isso na testa — propôs Sérgio, estendendo a Arild uma toalha embebida em água-de-colónia. Então, como se sente?

— Oh!, às mil maravilhas, não vê?

Apercebeu-se de repente que não teria força para a deixar. E foi por isso que disse:

— Vou-me embora já. Mas não a posso deixar assim. O caso pode repetir-se. É preciso desabotoar essa gola e desapertar o espartilho. É capaz de fazer isso sòzinha? Não está ninguém em casa.

— You'll not dare ...[1]

— Oh, não! Não está a compreender-me. Não está ninguém em casa que possa cá mandar. Mas eu já tinha dito que me ia embora — disse ele, interrompendo-a com suavidade, e, baixando a

[1] «O senhor não se atreve...»

cabeça, com ar embaraçado, dirigiu-se lentamente para a porta.

Ia já a sair quando ela o chamou. Voltou-se. Apoiada num cotovelo, ela estendia-lhe a outra mão. Ele aproximou-se dos pés da cama.

— Come near. I did not wish to offend you[1].

Contornou a cama e foi sentar-se no soalho, à turca. A pose convidava a uma longa conversa a torto e a direito. Mas a sua emoção impedia-o de pronunciar uma só palavra. E, depois, nada havia a dizer. Ele era feliz, porque estava ainda ao pé dela, e não já a descer a escada, e também porque não deixaria ainda de a ver. Ela preparava-se para romper este silêncio pesado e um pouco ridículo. De súbito, ele ajoelhou-se e deixou cair a cabeça sobre os braços cruzados, apoiados na borda do colchão. Os seus ombros contraíram-se, distenderam-se e iniciaram um movimento regular e uniforme, como

---

[1] «Venha cá. Não quis ofendê-lo.»

se estivessem a partir qualquer coisa aos bocados. Ele chorava ou ria — não se sabia ainda ao certo.

— Então, que é isso?! Uma coisa destas! Acabe com isso, não tem vergonha? — pôs-se ela a repetir-lhe logo que os seus espasmos silenciosos se volveram em francos soluços.

No entanto (mas ela também o sabia), as suas consolações não faziam senão favorecer as lágrimas, e, acariciando-lhe os cabelos, ela fazia-o verter novas torrentes. Ele, de resto, não as retinha. A resistência serviria só para retardar, quando o que ele tinha era uma carga antiga que deixara acumular-se e que agora se fazia mister libertar quanto antes. Oh!, que alegria ver ceder e agitar-se e partir todas essas Tverskaïa-Yamskaïa e os dias e as noites das duas últimas semanas! Chorava como se não fosse ele, mas eles que rebentavam. E, de facto, eles eram arrastados e levados como vigas numa derrocada. Chorava como se esperasse uma purificação desta tempestade que de súbito desabara como de uma

nuvem dos seus anelos de fortuna. Como se estas lágrimas devessem ter uma influência no curso ulterior da vida quotidiana.

De repente levantou a cabeça. Viu um rosto que a bruma parecia ter lavado e impelido para longe. Como se esse rosto tivesse adquirido sobre ele próprio um direito de prioridade, como se fosse o seu próprio tutor, pronunciou algumas palavras. As suas palavras flutuavam também numa bruma cinzenta e longínqua.

— Ana — disse ele baixinho —, não se apresse a recusar. Peço-lhe a sua mão. Bem sei que não se costuma dizer assim, mas como exprimi-lo? Seja minha mulher — disse ainda mais baixo e mais firmemente. E a frescura insustentável sobre que emergiu esta palavra, tão grande como a vida onde ele a fazia entrar pela primeira vez, fê-lo estremecer interiormente.

E, deixando passar um instante para dominar o sorriso que esta palavra deslocara algures no âmago de si mesmo,

carregou os sobrolhos e acrescentou, mais baixo e mais firmemente ainda:

— Só lhe peço que não se ria, por favor; ficar-lhe-ia mal.

Levantou-se e afastou-se alguns passos. Arild pôs os pés na chão, num movimento rápido. Tal era o seu estado de alma, que, embora em perfeita ordem, o seu vestido parecia enxovalhado e os seus cabelos desgrenhados.

— Meu amigo, meu amigo, vejamos: como teve essa ideia? — era o que dizia ela desde há instantes, e, esquecendo-o logo, e a cada palavra, como uma culpada, abria os braços com espanto. — Que loucura! Que falta de piedade! Eu tinha perdido os sentidos. Mal posso mover as pálpebras, percebe o que digo? Não pestanejo, mal consigo mexê-las; compreende, ou não? E sem mais nem menos, uma pergunta dessas, e à queima-roupa! Mas não se ria também. Ah!, como me atormenta! — gritou numa voz alterada, como entre parêntesis e para si só. Levantando-se bruscamente, correu, levando esta exclamação, como um fardo, em direcção

à cómoda, onde, com o cotovelo apoiado, o queixo sobre a palma da mão, o rosto sombrio, ele escutava, erguido face a ela.

Ela prendeu com ambas as mãos os cantos do rebordo da cómoda e, sublinhando com um balanço de todo o corpo os argumentos mais impressionantes, continuou, banhando-o inteiramente da luz da sua emoção, pouco a pouco domimada:

— Já esperava isto, pressentia-o no ar. Não posso responder-lhe. A resposta está em si mesmo. Talvez um dia isso possa ser. E como eu o desejava! Porque... porque... não é?... O senhor não me é indiferente. Já calculava, não? Não? É verdade? Não, diga-mo a sério. Como é estranho! Mas isso tanto faz. Pois bem, quero que o senhor fique sabendo.

Após um momento de embaraço, continuou:

— Mas eu observo-o a todo o instante. Há alguma coisa em si que não está certa. E o senhor sabe: agora, neste momento mesmo, há qualquer coisa que não quadra bem com as circunstâncias. Ah!, meu

amigo, não é assim que se faz um pedido de casamento. Não é por uma questão de protocolo. Mas isso não tem importância. Ouça, responda a esta pergunta só, francamente, como a uma irmã. Diga-me: não tem nada que lhe pese na consciência? Oh, não se amedronte, por amor de Deus! Porventura uma promessa esquecida ou um dever negligenciado não deixam marca? Mas, com certeza, com certeza, eu já calculava. O senhor era incapaz de tais coisas. Não é preciso responder-me; sei já que não cometeria nenhum acto impróprio de um homem. Mas — acrescentou ela numa inflexão lenta e pensativa, enquanto a sua mão traçava no ar alguma coisa de vago e insignificante e a sua voz, enrouquecida, acusava fadiga — existem coisas que são maiores do que nós. Diga-me: não sente isso? Na vida também isso é terrível, e a mim mete-me medo como a presença de um estranho.

Continuou a falar, mas nada mais disse de essencial. O pátio estava vazio e as alas do edifício como mortas. Os gai-

vões continuavam a esvoaçar em volta. O fim do dia ardia como um massacre de canção de gesta. Os gaivões chegavam, como uma nuvem compacta de flechas tremulando lentamente, e, de súbito, traçando uma curva caprichosa, regressavam, soltando gritos. Nada. havia mudado. Apenas o quarto estava um pouco mais escuro.

Sérgio calava-se, porque não sabia se seria senhor da sua voz quando se atrevesse a romper o silêncio. De cada vez que fazia um esforço para falar, o queixo alongava-se-lhe ligeiramente. Mas o soluçar sòzinho, por razões apenas suas, sem poder fazer recair a culpa nos arrabaldes de Moscovo, era coisa que o envergonhava. O seu silêncio pesava infinitamente a Ana. E, o que é mais, sentia-se descontente consigo mesma. O essencial era que ela aceitava tudo, mas isso de nenhum modo se deduzia das suas palavras. Parecia-lhe que tudo ia de mal a pior e que a culpa era sua. Como sempre, em tais ocasiões, julgava-se uma boneca sem alma e, caluniando-se a si mesma, enver

gonhava-se da fria retórica que parecia haver na sua resposta. Então, para reparar este pecado imaginário, e persuadida de que de ora avante tudo caminharia de outra maneira, disse com uma voz diferente da habitual, com uma voz que estranhamente se assemelhava à de Sérgio:

— Não sei se me compreendeu. Respondi-lhe que sim. Estou pronta a esperar o tempo que for preciso. Mas veja se readquire um aprumo que eu não conheço, mas que o senhor provàvelmente conhece até de mais. Nem sei o que estou a dizer. Estas alusões ocorrem-me mau grado meu: o senhor que as adivinhe ou decifre. E ainda mais uma coisa: para mim, a espera não será fácil. E por agora basta, não vá a gente aborrecer-se um com o outro. Mas ouça: se é verdade que gosta de mim, quanto mais não seja metade do que... Bom, vamos, que tem? Então, não é necessário; então, peço-lhe, vejamos, não vá destruir tudo ... Ah, sim, sim, obrigada.

— Ia dizer qualquer coisa — lembrou-lhe ele a meia voz.

— Sim, decerto, não o esqueci. Queria-lhe pedir que se fosse embora. Ouça, faça isto que lhe digo: vá para os seus aposentos, lave a cara, vá dar uma volta; precisa de distrair-se. Não quer ir? Bom. Então vou-lhe propor outra coisa, meu pobre amigo. Mas insisto em que vá para os seus aposentos e se lave, que bem precisa. Não pode apresentar-se com uma cara dessas. Espere por mim; irei buscá-lo para darmos uma volta juntos. E deixe de abanar a cabeça. Mete dó vê-lo. Auto-sugestão, percebe? Fale, experimente, confie em mim.

De novo as tábuas inclinadas do soalho rangeram sob os seus passos, de novo o pátio do instituto lhe passou pela memória. De novo, suscitados por esta recordação, se desenrolaram no seu espírito, como uma meada febril e maquinal, pensamentos que já não lhe diziam respeito. De novo se encontrou no quarto, inundado de sol, que, de tão amplo que era, dava a impressão de estar desabi-

tado. Na sua ausência, a luz deslocara-se. A cortina da janela central já não sombreava a mesa. Era a mesma luz amarela e oblíqua que se prolongava lá em cima sobre a outra fachada e colocava, provàvelmente, sobre o leito e a cómoda coberta de frascos, sombras cada vez mais violetas. Presente Sérgio, esta passagem ao violeta fazia-se ainda com uma certa medida e prosseguia com bastante recato, mas como ela iria acelerar-se na sua ausência, e com que autoridade vitoriosa os gaivões, aproveitando-se da sua saída, se arrojariam sobre ela! Era ainda tempo de evitar a violência e de agarrar o que partia; não era tarde de mais ainda para recomeçar tudo de novo e para arranjar um outro fim; tudo isso era ainda possível, mas em breve deixaria de o ser. Porquê ter-lhe obedecido? Porquê tê-la abandonado? «Pois bem, seja. Pois bem, admitamos», respondia ele, no meio desta ardente série de pensamentos, cujo alvo era Ana, aos outros, febris e maquinais, que desfilavam diante de si e não lhe diziam respeito. Afastou a cortina do

meio e puxou a da ponta: a luz deslocou-se, a mesa recuou para a obscuridade e, no seu lugar, o quarto vizinho, que Ana devia atravessar para vir ter com ele, saiu da sombra e iluminou-se até à parede do fundo. A porta que lhe dava acesso estava escancarada. Todos estes movimentos lhe fizeram esquecer que deveria lavar-se.

«Pois bem, Maria, sim. Admitamos. Maria não tem necessidade de ninguém. Maria é imortal. Maria não é uma mulher.» Estava de costas para a mesa, apoiado ao rebordo desta, os braços cruzados. Diante dele desfilavam, com um automatismo repulsivo, os locais vazios do instituto, os passos retumbantes, a recordação ainda viva das situações do Verão anterior, os pacotes que Maria deixara. Os cestos, atestados, desfilavam na sua cabeça como conceitos abstractos, as malas, atadas com correias e cordas, podiam servir de premissas a deduções. Estas frias imagens faziam-no sofrer como um furacão de vã espiritualidade, como uma torrente de tagarelice sabi-

chona. De cabeça inclinada e de braços cruzados, esperava Ana num misto de irritação e nostalgia, para fugir e procurar abrigo junto dela contra o galope desta invasão trivial. «Pois bem, falhei; parabens. Infinitamente grato, mesmo assim. Tão espertalhão te quiseste fazer, que um outro surgiu, e foi um ar que lhe deu. Então, Deus o guarde, nada sei nem quero saber. Muito bem, desaparecida sem deixar rasto. Muito bem, é assim mesmo. Óptimo, perfeito.»

E, enquanto esgrimia com o seu passado, as abas do casaco iam roçando por uma folha de papel de carta ainda quase em branco. Também isso ele o sabia, mas a carta a Kovalenko pertencia igualmente, por enquanto, à série das coisas de que se alheara.

Bruscamente, pela primeira vez desde o ano anterior, suspeitou de quem teria ajudado Maria Ilina a desfazer-se do seu mobiliário e a preparar-se para partir para o estrangeiro. Baltz era um canalha. (Foi a palavra que lhe ocorreu para designá-lo.) Logo sentiu a certeza de que adi-

vinhara. O coração oprimiu-se-lhe. Não era a rivalidade do ano passado que o fustigava, mas sim o facto de naquele momento, que era de Ana, um pensamento estranho a Ana ter solicitado o seu interesse com um relevo inadmissível e ofensivo para ela. Mas logo se deu conta de que uma intromissão estranha podia ainda ameaçá-lo nesse Verão, se não se tornasse ele próprio mais rude e realista.

Tomou então uma decisão, e, rodando os calcanhares, considerou o quarto e a mesa como uma situação nova na sua vida. Os raios do sol poente ingurgitaram-se de suco e fizeram a sua última provisão de vermelho. Em dois lugares o ar era serrado de alto a baixo e a poalha escaseante, qual serradura, tombava do tecto e espargia o soalho. A extremidade do quarto parecia mergulhada na obscuridade. Sérgio pousou o bloco de papel ao alcance da sua mão e acendeu a luz. Tudo isso fê-lo esquecer que tinha combinado sair com Ana.

«Vou casar-me», escrevia a Kovalenko, «e estou com uma terrível falta de dinhei-

ro. Comecei a escrever um drama tirado da narrativa de que lhe falei. Será um drama em verso.»

E começou a expor-lhe o conteúdo:

«Uma vez, nas condições reais da nossa vida russa de hoje, mas apresentadas de maneira a tomarem uma significação mais lata, entre os maiores magnates surge um boato que acaba por ganhar consistência e se enriquece de pormenores. Corre de boca em boca, e ninguém procura uma confirmação nos jornais porque se trata de um negócio ilegal que, após a recente reforma judiciária, releva do direito comum. Teria aparecido um homem que a si mesmo se queria vender em leilão; quanto ao sentido e proveito que nisso acharia, ver-se-ia no dia da venda. Uns veriam nele um Óscar Wilde; para outros, a causa estaria nas mulheres; era o que se dizia à doida nos meios da juventude comercial do género que se enfeita segundo as maquetas dos decoradores teatrais e que recheia a sua conversação de termos colhidos nos livros sagrados da Índia. No dia fixado — pois toda a

gente está informada, sabe-se lá como, do local e da data do leilão —, cada um dirige-se aos subúrbios com a secreta apreensão de ter sido ludibriado e de ir servir de bobo. Mas a curiosidade é mais forte que o receio, e, para mais, está um tempo soberbo, um esplêndido dia de Junho. Tudo se passa numa casa de campo nova; ninguém apareceu até essa altura. Há muita gente e todos se conhecem: herdeiros das maiores fortunas, filósofos, melómanos, coleccionadores, finos peritos. Cadeiras em fila, um estrado alto, um piano aberto, perto do piano uma mesinha, sobre a mesinha um martelo. Algumas janelas amplas de três portas. E eis que o homem aparece. É ainda muito jovem. Aqui, evidentemente, ter-se-á dificuldade em lhe dar um nome: com efeito, como chamá-lo, se desde os primeiros passos, quer o queiram, quer não, este homem funciona como um símbolo? Mas há símbolos e símbolos, e é preciso atribuir-lhe um nome: designemo-lo, provisòriamente, por um nome algébrico; por exemplo: Épsilon Três. Ele surge. Vê-se

logo que não se trata de circo, nem de Cagliostro, nem mesmo das *Noites Egípcias*, que é um homem que nasceu deveras e não sem intenção. Vê-se que não é uma brincadeira, que vai acontecer alguma coisa de muito sério a que eles não poderão fugir, que tudo se vai decidir aqui, na sua passagem comum sobre esta terra, sem digressões no imaginário. E eis porque, com toda a ingenuidade da prosa, o acolhem com aplausos, como se fosse à saída de um teatro. Ele anuncia que quem oferecer mais terá sobre ele poder de vida e morte; que, num dia, ele disporá como entender do produto da venda, sem nada guardar para si, e que em seguida se submeterá, plenamente e sem quaisquer reservas, a uma servidão completa por todo o tempo que o seu futuro dono entender, pois que este terá o direito não só de fazer dele o uso que quiser, mas ainda o de o suprimir no momento e da maneira que melhor lhe aprouver. Um bilhete anunciando o suicídio, que ilibará de antemão o assassino, está já preparado. Está pronto para assinar, se

preciso for, quando lho pedirem, qualquer outro documento destinado a encobrir com a marca da sua vontade explícita tudo o que lhe pudesse acontecer. 'E agora', diz Épsilon Três, 'vou tocar música e recitar versos. Vou tocar qualquer coisa imprevista, quer dizer, de improviso; só os versos é que estão feitos, mas são meus.' Neste momento, uma nova personagem sobe ao estrado e toma lugar à mesa. É um amigo de Épsilon Três. Ao contrário dos seus outros amigos, que se despediram de manhã, este ficou junto de Épsilon, a seu pedido. É funcionário na Tesouraria e é um homem muito eficaz. Épsilon reteve-o para pregoeiro de um leilão a que o amigo não atribui qualquer valor. Ficou para ajudar a levar por diante uma fantasia que julga irrealizável e, em resumo, para embarcar o seu amigo numa longa viagem a grandes marteladas, segundo todas as regras da arte de leiloar. Nesse momento começou a chover...»

«Nesse momento começou a chover...», escreveu Sérgio no fim da oitava folha,

e passou, depois, do papel de carta para papel vulgar. Era o primeiro esboço, desses que se escrevem uma ou duas vezes na vida, numa noite inteira e de um jacto só. Neles, necessàriamente, abunda a água, elemento que é, pela sua própria natureza, designado para encarar movimentos monótonos, poderosos, obcecantes. Uma ideia tão genérica quanto possível, e que ainda não tomou forma, é tudo o que se consegue sugerir nestas primeiras notações desprovidas de pormenores bem vincados e que só tem de impressionante a naturalidade com que tal ideia brota das circunstâncias reais.

A chuva foi o primeiro pormenor do rascunho em que Sérgio se deteve. Ele passou-o de uma folha in-octavo para um outro papel in-quarto, que se pôs a cobrir de emendas, à procura do relevo desejado. Aqui e além escrevia palavras que não havia na própria língua e deixava-as provisòriamente no papel, esperando que elas o encarreirassem nos seus meandros de regatos de água da chuva para sulcos mais directos, por onde se escoassem no

caudal maior da linguagem comum, formada pelo contacto do entusiasmo e do quotidiano. Pensava que tais sulcos, reconhecidos e compreendidos por todos, lhe acudiriam ao espírito, e o seu pressentimento velava-lhe os olhos de lágrimas, como lentes desajustadas.

Estava sentado um pouco de esguelha, como se está sentado quando se escreve, e voltava as costas para as duas portas do quarto. Se não fosse isso, ou se tivesse voltado por um instante a cabeça para a direita, teria tido um grande susto. Ana estava postada à porta. Ela não desapareceu logo. Dando um passo ou dois, ficou bem à vista e muito perto, durante o tempo que lhe pareceu necessário para nem pecar por excesso de fé nem por excesso de superstição. Não pretendia furtar-se ao destino, quer por uma lentidão deliberada, quer por uma pressa doida. Estava em traje de passeio. Empunhava com firmeza um guarda-chuva, pois durante o intervalo decorrido não perdera contacto com a realidade, e no seu quarto havia uma janela. Além de que, no momento

em que se dirigia aos aposentos de Sérgio, tinha tido o cuidado de deitar uma vista de olhos ao barómetro, que anunciava mau tempo. Surgindo como uma nuvem por trás de Sérgio, dir-se-ia, apesar de estar vestida de preto, uma ténue névoa branca nos raios de luz do poente que jorravam com um vigor ofuscante da densa nuvem azul-lilás que pesava sobre os jardins da viela. Ana fundia-se, nas ondas de luz, com o soalho, que, sob ela, ondulava, cáustico e vaporoso. Por dois ou três movimentos que Sérgio fez, Ana, como no jogo dos reis, pôde ler, através do seu delírio, que o mal era irreparável. Aproveitando o momento em que Sérgio esfregava com a mão os olhos, voltou-se, arregaçou um pouco a saia e, de cabeça baixa, saiu do quarto no bico dos pés, em grandes passadas decididas. Ao chegar ao corredor estugou o passo e deixou cair a saia, sem deixar de mordiscar os lábios e sem fazer o mais pequeno ruído.

Poupava-se assim a uma recusa formal, sempre embaraçosa. Tudo se resolvera por si mesmo. A janela, em toda a

sua largura, exibia as mutações do céu. Ao ver aqueles amontoados lilases, pensou que não chegaria à esquina da rua sem se molhar. Mais uma razão para tomar qualquer iniciativa que lhe evitasse a todo o custo ficar só com aquele tão recente desgosto, que rapidamente alastrava como um veneno. A perspectiva de passar a noite inteira na solidão do quarto gelava-a de espanto. Que seria dela se lhe acontecesse ainda isso? Atravessou o pátio e saiu a correr, e, ainda perto de casa, meteu-se num fiacre, já de capota erguida. Ia para a Rua Tchernychevski, para casa de uma amiga inglesa, esperando que o mau tempo durasse o suficiente para que esta não pudesse deixá-la sair e lhe desse, com ou sem vontade, guarida por essa noite.

... Então começou a chover. Eis o que se passa em frente das janelas. As velhas bétulas, vendo as folhas desprender-se e partir em grandes voos, ficam a dizer-lhes adeus do

alto das colinas. Entretanto, novas braçadas de folhas, impelidas pelo vento, elevam-se em turbilhão branco e, emaranhando-se na sua cabeleira, arrancam, por sua vez, novas folhas. Depois de as terem seguido com olhar saudoso até as perderem de vista, as bétulas voltam as suas atenções para a casa. De repente faz-se noite, e, antes mesmo de ribombar o primeiro trovão, Épsilon, lá dentro, começa a tocar piano.

O tema que escolhe é o céu nocturno, tal como aparecerá depois do aguaceiro, envolto na leve casimira das nuvens, no vapor da caparrosa e do incenso do arvoredo, todo ele a escorrer estrelas lavadas, muito límpidas, e que parecem ter aumentado. O esplendor destas gotas, que, apesar de todos os seus esforços, não conseguem soltar-se do espaço, já ele o estendeu por cima da floresta instrumental. Agora, levantando voo sobre o piano,

faz evolar-se o passado e logo o chama a si, afunda-o no esquecimento por um instante para a seguir o encerrar na memória. As vidraças são laminadas por ondas de uma como que geada de mercúrio, as bétulas vão e vêm sem cessar sob as janelas, com braçadas de ar imenso que deixam cair folhas por toda a parte, que as espalham nas quedas de água desgrenhadas, enquanto a música, ciente do seu papel, faz reverências à direita e à esquerda e não cessa, no seu percurso, de prometer não se sabe bem o quê.

E, o que é espantoso, de cada vez que alguém tenta duvidar da sinceridade das suas palavras, o músico ilumina de súbito o homem de pouca fé com algum milagre sonoro, inesperado, que insistentemente se repete. É o milagre da sua própria voz, quer dizer: o da sua maneira de sentir e de reter o piano e esmagar ao mesmo tempo os ossos dos mercadores e as cadei-

ras vienenses, e, em vez disso, essa força dispersa-se, volúvel e argentina, e ressoa tanto mais baixo quanto volta com mais frequência e mais rapidez.

Agora lê Exprime-se nestes termos: «Vou-lhes recitar tantas colunas de versos livres e tantas colunas de versos rimados.» De novo, de cada vez que se julga que este palavreado de tapeçaria podia também ler-se de baixo para cima, vêem-se aparecer descrições e comparações de uma sensibilidade magnética sem precedentes. São imagens, isto é, milagres do verbo, que é como quem diz: exemplos de uma submissão à Terra, total e rápida como a flecha. E, por consequência, são direcções que seguirá a sua moral de amanhã e o seu esforço no sentido da verdade.

Mas que maneira estranha tem este homem de vibrar com tudo isto! Dir-se-ia que alguém, como um prestidigitador, sucessivamente

lhe mostrava a Terra e lha escamoteava a seguir, e que ele concebia a beleza viva com a maior diferença possível entre a existência e a não-existência. Era nisso, precisamente, que residia a sua originalidade: essa diferença, que não se pode conceber mais do que num instante, ele a havia retido e levado ao nível de índice constante de poesia. Mas onde tinha ele podido ver essas aparições e desaparições? Não era a voz da humanidade que lhe havia ensinado a conhecer a Terra, que aparecia e desaparecia no decurso das gerações?

Tudo isto é, de uma ponta à outra, uma arte sem mentiras que fala toda ela do infinito dos limites, que nasce inteiramente da mais rica, insondável e estremecida miséria terrestre. Alterna a recitação com a música, ouve o murmúrio das frases em francês e baforadas de perfumes salpicam-lhe o rosto. Suplicam-lhe, num sussurro, que tudo

esqueça e continue e não cesse de tocar, mas nem sempre é assim.

Levanta-se então e diz-lhes que não ignora o amor deles, mas que eles não o amam bastante ainda. De outro modo lembrar-se-iam de que se encontram num leilão e da razão por que ali os reunira. Diz-lhes que não pode revelar os seus planos, porque então se embaralhariam de novo, como já sucedera tantas vezes, obrigando-o a escolher uma outra saída e uma outra ajuda, talvez mesmo mais generosa, mas necessàriamente incompleta e diferente da que o seu coração lhe havia inspirado; que, limitando-se à sua grosseira condição, o homem não pode dedicar-se a nada de grande; que ele precisa de transformar-se em dinheiro, e que eles o devem ajudar. Tanto pior se a sua ideia lhes parece uma fantasia fatal. Pouco importa: ou bem que eles o compreendem, ou então não o chegam à compreender. E, se com-

preendem, então que se submetam cegamente. Recomeça a tocar e a recitar, e as cifras crepitam nos intervalos, os braços cruzados e as cordas vocais do seu amigo encontram em que se ocupar.

Então, ao cabo de vinte minutos da mais delirante das febres, no mais aceso do clamor das vozes enrouquecidas, no auge de uma transpiração sem precedentes, foi arrematado pelo mais sensível dos pretendentes, um homem de estritas normas e um reputado benfeitor. E o outro, pouco tempo depois, restitui-lhe a liberdade...

É claro que isto não é o rascunho original de Sérgio. Mas ele próprio não chegara ao fim. Tinha muito mais coisas em mente que não chegou a registar. Estava justamente a reflectir na cena das desordens da cidade quando, trazendo pela mão Harry, que lhe resistia, visìvelmente envergonhado do escândalo que se pre-

parava, irrompeu na sala Margarita Ottonovna, molhada até aos ossos e fora de si.

Sérgio visionava assim o que se seguiria: o benfeitor e o cativo teriam, digamos, dois dias depois, uma entrevista de um alcance considerável e de uma grande profundidade. Segundo o seu projecto, o ricaço, depois de ter dado a Épsilon um alojamento particular, depois de o ter cumulado com o luxo dos seus cuidados e ele próprio se deixar vencer pelas preocupações, já não pode suportar o seu desgosto e vai visitá-lo ao seu aposento para lhe pedir que se vá embora para onde lhe apetecer, porque, por mais que procure, não consegue encontrar-lhe um uso digno dele. Mas Épsilon recusa. Sucede então que, na noite seguinte à entrevista, eles são informados no campo de que houve tumultos na cidade: no início tinham-se dado desordens no bairro em que Sérgio depositara os seus milhões. Um e outro sentem-se consternados por esta notícia, especialmente Épsilon, porque nestas violências que ecoam ao longe ele vê um regresso ao antigo estado de coisas,

quando, afinal, esperava um renovo ainda desconhecido, isto é, total e irreversível. E então ele parte...

— Não, nunca se viu isto, ia quebrando o meu guarda-chuva. Je l'admets à l'égard des domestiques, mais que dois-je en penser si...[1]. Mas, meu Deus, que se passa consigo? Está doente? E eu que... Espere um minuto, um momentinho. Harry, imediatamente, imediatamente para a cama. Varia, friccione-o com *vodka*, e amanhã falamos; é escusado fungar, já se devia ter pensado nisso há mais tempo. Vá, meu menino. Os calcanhares, os calcanhares sobretudo, e o peito com terebintina. Amanhã terão todos notícias minhas, o senhor, Lavrenti Nikitich, e Missis[2] em primeiro lugar.

— E que fez ela?

— Bem... Eu não queria falar diante deles. Ao princípio não tinha notado nada,

---

[1] Em francês no texto: «Se fosse um criado, ainda o admitia, mas que hei-de pensar se...»

[2] Refere-se a Ana Arild. «Missis» está em vez da palavra inglesa «Mistress» (na forma abreviada «Mrs.»), que significa «Senhora».

não me queira mal por isso. O senhor tem dissabores? Com a sua família, talvez?

— Mesmo assim, desculpe, que tem contra Missis?

— Qual Missis? Não percebo nada. Mas como está corado! Ah, então é isso? Sim, estou a ver. Bom, está muito bem. Refere-se à minha dama de companhia? Ela não está cá desde manhã. Partiu ao mesmo tempo que os outros criados. Mas estes, ao menos, reconsideraram de tarde...

— E Mrs. Arild?

Mas que ideia faz de mim? Como quer que eu saiba onde Mrs. Arild passa a noite? Suis-je sa confidente? Vou-lhe dizer o motivo por que vim até cá, meu bom Sérgio Ossipovitch. Venho pedir-lhe, meu caro, que tome conta de Harry amanhã de manhã e veja se ele arruma os brinquedos e os livros. Deixe-o fazer a mala sòzinho, como ele quiser e entender. Claro está, o senhor terá de a arrumar outra vez, mas sem que ele lhe perceba as in-

[1] «Acaso sou a sua confidente?»

tenções. Quer, com certeza, saber quem tratará da roupa e do resto? É Varia que está encarregado dessa tarefa, o senhor não tem de se ocupar disso. Eu penso que, sempre que for possível, é necessário dar às crianças a ilusão de uma certa independência. A aparência basta neste caso para criar um hábito benéfico. A seguir, desejava que o senhor lhe prestasse de ora avante mais atenção do que tem feito até agora. Se fosse a si, baixaria um pouco mais o quebra-luz. Com licença; assim, por exemplo. Fica melhor, não é verdade? Que tal? Mas estou com medo de apanhar algum resfriamento. Partimos depois de amanhã. Boa noite!

Uma vez, logo no começo das suas relações, Sérgio havia falado de Moscovo com Arild, e pusera-se a avaliar-lhe os conhecimentos. Além do Kremlin, que ela visitara pormenorizadamente, citara-lhe vários sítios onde moravam pessoas conhecidas. Dos nomes referidos, apercebia-se agora de que só dois lhe haviam

ficado na memória: as Ruas Sadovaïa e Tchernychevski. Rejeitando as direcções esquecidas, como se os limites da escolha de Ana tivessem necessàriamente de coincidir com os da sua memória, ele estava pronto a jurar que ela passava a noite na Rua Sadovaïa. Estava plenamente convencido disso, porque, nesse caso, estava perdido. Encontrá-la a esta hora numa grande rua, sem a menor ideia do local onde deveria procurá-la ou das pessoas em casa de quem ela se poderia encontrar, era impossível. O caso era diferente com a Rua Tchernychevski, onde ela não podia, com certeza, estar, a ajuizar pela conduta do seu desgosto, que, tal um cão, corria à sua frente no passeio e, ao tentar escapar-se-lhe, a arrastava atrás dele. Na Rua Tchernychevski não deixaria de a encontrar, se fosse, ao menos, concebível que a verdadeira Ana, de sua livre vontade, tivesse ido ao sítio onde o seu único desejo (e que desejo!) a colocava por agora. Persuadido do seu fracasso, corria a ver com os seus próprios olhos a possibilidade condenada, pois encontra-

va-se num estado em que o coração se mostra mais inclinado a roer a mais reflectida das soluções desesperadas do que a ficar desocupado.

Era já manhã, uma manhã turva e fria. A chuva nocturna deixara de cair. A cada passo, a cintilação dos salgueiros prateados espelhava-se no granito cinzento, quase negro à força da humidade. Como leite, as suas folhas esbranquiçadas salpicavam o céu sombrio. As folhas caídas pintalgavam a calçada de bocados sujos de recibos rasgados. Tinha-se a impressão de que a tempestade, ao afastar-se, havia confiado a estas árvores a verificação dos prejuízos, e que a manhã inteira, nublada e plena de imprevistos, se encontrava entre as suas mãos cinzentas e frescas.

Ana ia todos os domingos à missa, à igreja anglicana. Era ali perto, se a memória não traía Sérgio, que devia habitar uma das amigas dela. E eis porque ele se postou, com todo o seu cortejo de preocupações, em frente da igreja.

Os seus olhos detinham-se, em vão,

nas janelas abertas do presbitério adormecido, e a sua paixão alimentava-se dos fragmentos do quadro, retalhando vorazmente o tijolo cru do edifício e a verdura molhada das árvores. Os olhares inquietos golpeavam também o ar, que se ia embora a tinir, não se sabe para onde, sem passar pelos pulmões.

Ao acaso, para não atrair suspeitas, aparentando um ar despreocupado, Sérgio voltava a subir de vez em quando a rua. Apenas dois sons perturbavam aquele silêncio ensonado: os seus próprios passos e o ruído de um motor que trabalhava nas proximidades. Era uma rotativa da tipografia das *Informações Russas*. As suas vísceras estavam inturgescidas de equimoses, e uma riqueza interior que mal podia conter em si dir-se-ia que o sufocava.

A força que expandia infinitamente as suas sensações era a paixão, no sentido mais forte do termo, aquela qualidade da paixão graças à qual a língua fervilha de imagens, de metáforas e, mais ainda, de associações enigmáticas, rebel-

des a toda a explicação. Na verdade, a viela inteira, na sua obscuridade ininterrupta, era de uma ponta à outra Ana. Sérgio não estava ali só, e sabia-o. Mas quem não viveu momentos destes! No entanto, o sentimento que experimentava era mais vasto e mais preciso ainda, e aí é que não chegava a ajuda dos seus amigos e predecessores. Via quanto Ana sofria em ser a manhã da cidade, ou seja o que lhe custava a dignidade da natureza. Silenciosa, ela desenhava-se diante dele com toda a sua beleza e não o chamava nem lhe pedia auxílio. E, correndo do desejo de ver a verdadeira Arild, isto é, todo este esplendor na sua essência mais concentrada e preciosa, via-a, ao mesmo tempo, envolta de salgueiros, como de toalhas geladas, aspirada pelas nuvens, deixar para trás as suas torres góticas de tijolo vermelho. Este tijolo, pelo seu matiz purpúreo e estranho, parecia de fabrico estrangeiro e, porventura, importado da Escócia.

Um homem, envergando um sobretudo e de chapéu, acabado o serviço da

noite, saiu da redacção. Sem se voltar, dirigiu-se para a Rua Nikitskaïa. Para não atrair suspeitas, caso ele se voltasse, Sérgio transitou do passeio da tipografia para o passeio escocês e encaminhou-se para a Rua Tverskaïa. A vinte passos da igreja, viu Arild num quartinho da casa defronte. Nesse momento ela debruçava-se à janela. Passado o primeiro instante de surpresa, puseram-se a falar em voz baixa, como para evitarem acordar alguém. Era por causa da amiga de Arild. Sérgio estava no meio da calçada. Dir-se-ia que segredavam para não despertar a cidade.

— Há muito tempo — disse Arild — que eu ouvia alguém a andar, alguém que não dormia. E se fosse ele?, dizia para comigo. Porque não veio logo?

O corredor da carruagem balouçava da direita para a esquerda. Dir-se-ia não ter fim. Nos compartimentos, para lá das portas bem fechadas, os passageiros dormiam. As molas flexíveis amorteciam a

trepidação da carruagem, que parecia um *édredon* de lã muito bem acolchoado.

Era nas extremidades que ela oscilava mais agradàvelmente, e o condutor, um homenzarrão, de botas e calças entufadas e o apito pendurado numa correia, rolava ao longo do corredor, dando o aspecto de um ovo de Páscoa. A farda de Inverno que usava fazia-lhe muito calor, e, para se aliviar, ajustava, a cada passo, as suas austeras lunetas. Estas atraíam as atenções, pela sua pequenez, entre as gotas de suor que lhe cobriam a cara, como uma fatia fresca de queijo de Mechtchersk. Se tivesse dado com um passageiro na pose de Sérgio numa carruagem de outra classe, não teria deixado de o sacudir ou de fazê-lo voltar a si por qualquer outro processo Sérgio dormitava com os cotovelos apoiados no rebordo da janela aberta. Dormitava, despertava, bocejava e admirava a paisagem esfregando os olhos. Debruçava-se para fora e cantava com toda a força árias que recentemente Arild tocara e ninguém o ouvia berrar. Quando o comboio saía de

uma curva, uma corrente de ar regular e imóvel invadia o corredor. Depois de terem corrido e papagueado até mais não, as portas selvagens dos guarda-ventos e dos lavabos abriam as asas, e, ao zumbido da velocidade ganha, Sérgio sentia, deslumbrado, com Schumann e a sua intrepidez na alma, que, em vez de ser rebocado, era ele próprio como que uma peça da máquina com influência no movimento do comboio.

Não fora sòmente o calor que o afastara do compartimento. Sentia-se pouco à vontade ao pé dos Fresteln. Era necessário que decorressem uma semana ou duas para as suas relações se normalizarem. Estava longe de tornar Margarita Ottonovna responsável pela sua deterioração. Reconhecia que, mesmo que ele fosse seu filho adoptivo e não tivesse para com ele outro dever mais imperioso do que a indulgência ou a complacência, ela teria, no entanto, razões para desesperar no decurso da recente balbúrdia da abalada.

Depois da descompostura da outra

noite, Sérgio dera-se ao luxo de desaparecer durante toda a véspera do dia da partida, quando sabia muito bem a algazarra que se ia desencadear na casa desde o alvorecer.

— Os estores! — guinchou alguém; e, milagre, pedaços de esteira amontoaram-se para formar um Iégor que tanto se assemelhava ao verdadeiro que era difícil distinguir. — Os estores, que praga!

— O quê?! Os estores?

— O quê?!... Os estores, sim, cabeça de alhos chochos! Julgas que vão ficar ali pendurados?

— Isso é que havia de fazer uma diferença!

— Já os sacudiste?

— Lavrenti, vai-te enforcar; deixa-me em paz, animal!

— Minha cara Varia, isto não é passeio nenhum, sabes?

«... Mas, afinal de contas, ela que vá para o Diabo! Essa Arild, por isso não seja a dúvida. É pena para este pobre rapaz, decerto: uma insignificante qualquer e uma intriguista; mas que fazer?, o

mal está feito. Mas, neste caso, trata-se de outra coisa, tudo se pode arranjar sem perder a linha. O comboio parte da gare de Briansk às 17.45; vamos acompanhá-la, e pronto. E de modo que ninguém em casa possa saber, ao vê-lo, a que estado chegou e o que perdeu. Pelo contrário, todos dirão: aí está um homem, um dos verdadeiros, que guarda as conveniências e que se respeita. Mas, ao que parece, já não se pensa assim, tudo mudou agora. Vejam lá se era preciso que ele se fosse fechar no quarto depois das despedidas, pouco lhe importando que toda a gente, durante horas, observasse as suas reacções, como ele se familiarizava e adaptava. Mas que fazer? Despedi-lo?...»

— Não se incomode, minha senhora; não, não é assim: deixe-me apertar eu próprio, assim só; oh!, que o Diabo o leve, que porcaria! O segundo rebentou, eu bem dizia que era preciso fio.

«... Mas como despedi-lo, com este rebuliço à volta, quando tudo o que se passou prova bem que não é para se di-

vertir que ele ganha dinheiro agora. Mas então, perdão, o trabalho é uma coisa séria, e é preciso saber apreciá-lo. Para o desculpar, pode-se dizer que existe uma nova expressão decadente: «ter estados de alma». Mas ter estados de alma, quer dizer, expor os seus segredos aos olhares exteriores, suponho que também se pode fazê-lo guardando certo recato: ele, no dia seguinte de manhã, estava absolutamente irreconhecível e completamente incapaz de fazer qualquer coisa, um verdadeiro Cristo, a passividade em pessoa: falassem-lhe nisso a sério, e ele ter-se-ia posto a pregar os caixotes com a própria cabeça; mas, infelizmente, não é disso precisamente que temos falta cá, e não é para isso que se tem um preceptor numa casa respeitável... E ei-los a caminho, e ele com os outros também. Porque irá com eles? Mas como despedi-lo? A propósito, em Toula eles perderam o comboio de ligação e da janela da carruagem viram-no, com horror, partir em sentido inverso, na direcção de Kalouga. Que horrível noite! Em contrapartida,

foram recompensados destas dez horas de suplício. Cerca de uma hora antes passou por Toula este rápido, onde se instalaram com um conforto que não teria podido dar-lhes o comboio de ligação. Anton Karlovitch e Harry estão a dormir, mas é preciso acordá-los daqui a vinte minutos, pobrezinhos ...»

O condutor ficara satisfeito com o exame à carruagem e, de vez em quando, vinha dar uma vista de olhos. Quanto às paisagens, havia-as, efectivamente, extraordinárias. Por exemplo, neste justo momento em que, encurralado num desvio, um comboio sujo e resfolgante vogava e parecia repousar sobre um grande arco de areia informe e quente, enquanto em frente do aterro, muito para além dos prados baixos, numa colina levemente oscilante, vogava e parecia repousar um grande solar enterrado num velo anelado. Se não fossem as 15 verstás que ainda restava percorrer, poder-se-ia julgar que era Roukhlovo, pois tudo aquilo se assemelhava ao que tinha ouvido dizer: os clarões brancos que irra-

diava a casa senhorial e a vedação do parque, amachucada pelos desníveis da encosta, sobre a qual ela parecia estar maciçamente pousada, como um colar que se acaba de tirar. No parque havia inúmeros salgueiros prateados. «Amigos!», murmurou Sérgio, e, de olhos semicerrados, ofereceu os cabelos às carícias do vento.

Eis para que serve aos homens a palavra «felicidade». Limitara-se a falar, apenas tomara parte nos seus preparativos, ajudando-a a abastecer-se para a viagem... Haveria ainda entre eles uma outra intimidade mais completa... e, no entanto, nunca se haviam de sentir mais próximos do que durante aquelas dez horas inesquecíveis. Havia uma compreensão completa de tudo, não havia nada mais a compreender. Restava viver, isto é, sulcar as vagas desta compreensão e perder-se nela; restava-lhes sorrir-lhe como ela lhes sorria, ao largo, de braços abertos, com os carris do caminho-de-ferro traçados no seu rosto e nas suas delongas! Que felicidade!

Mas por que acaso lhe falara ela na sua família? Como seria fácil evitar isso! Os canalhas nem sequer compreendem o que eleva ou abaixa a raça! Mas deixemos, por momentos, o seu infeliz pai (que formidável acaso!). Ele sabia agora donde lhe vinha aquele conhecimento que a fazia parecer duas vezes mais velha e dez vezes mais solitária. Tudo isso lhe vinha da hereditariedade. Era por isso que ela dominava este saber com tanta serenidade. Não lhe faltaria senão admirar-se de si mesma e granjear para os seus dons uma fama estrondosa. Nome, em todo o caso, já ela o tinha em solteira, e dos mais retumbantes.

Os seus antepassados provinham da Escócia. Quando lhe falara destes pormenores, havia pronunciado o nome de Maria Stuart. E agora já não se podia desfazer do sentimento de que era esse nome que faltara durante toda a manhã à Rua Tchernychevski invadida pela bruma.

Mas eis que o austero condutor batia nas costas do viajante alheado e o preve-

nia de que tinha de descer na próxima estação com os seus companheiros de viagem.

Era assim que se deslocavam os homens naquele Verão, o último da série, em que a vida parecia dirigir-se ainda aos indivíduos e em que era mais fácil e natural amar fosse o que fosse do que odiar.

Sérgio espreguiçou-se e pôs-se a bocejar à vontade, e cada vez com mais frenesi. De repente deteve-se. Soergueu-se, lépido, num cotovelo, e volveu os olhos em torno, com lucidez. Sobre o soalho luzia, como um nódoa de água, o reflexo do lampadário do pátio. «Estamos no Inverno», compreendeu ele logo, «e é o meu primeiro sono em casa de Natacha, em Ousolié.» Ninguém, felizmente, assistira ao seu despertar semianimal. E — ah!, mas aí está, isso é que é importante não esquecer. Sonhara com algo de informe, que continuava a martelar-lhe a cabeça. O mais curioso era que aquela tolice possuía um nome enquanto a via. Era Lemokh; mas que sentido tinha aquilo?

Uma coisa é certa, é que era preciso levantar-se, e estava com um apetite devorador. Restava ver se os convidados já se tinham banqueteado enquanto dormia.

Um minuto depois, o cunhado afogava-o nos seus braços de flanela, que ressumavam a iodo. Havia guardado na mão uma chave de lata de conservas, enquanto se lançava sobre Sérgio com os braços abertos no ar. Isso, ao mesmo tempo que o tubo acústico que lhe sobressaía da algibeira, estragou um tanto ou quanto a doçura dos amplexos, como um sinal palpável de sinceridade. E a chave não pôde servir com a mesma perfeição, entortando-se. Barrando-lhe o caminho, jorravam em desordem perguntas de uma falsa futilidade. Sérgio ficara de pé e sentia-se satisfeito, perguntando a si mesmo para que é que servia dar-se ares de imbecil quando se podia sê-lo com naturalidade e sem esforço. Sérgio e o cunhado, no fundo, não se toleravam lá muito bem.

Sobre a mesa, sòlidamente pousados, alinhavam-se, em filas implacáveis, pequenos copos de *vodka*. E o complicado

sortido de acepipes, como instrumentos de sopro e percussão, alegrava a vista. Por cima deles, como chefes de orquestra, erguiam-se as garrafas de vinho, muito negras, prontas a marchar e a bater o compasso de uma abertura ensurdecedora de gargalhadas e de trocadilhos de toda a espécie. O espectáculo tornava-se ainda mais imponente pelo facto de ser interdita em toda a Rússia a venda de vinho, mas a fábrica, pelos vistos, vivia como uma república autónoma.

Como era tarde, prometeram a Sérgio mostrar-lhe as crianças já deitadas nas suas caminhas.

O aposento, no seu conjunto, parecia flutuar no conhaque. Fosse por efeito da iluminação ou pelo apuro do mobiliário, a verdade é que as pranchas do soalho pareciam revestidas, não de cera, mas de colofónia, em que os pés, ao deslizarem, tocavam uma cabeleira escorrida e coberta de brilhantina em vez de gretas tapadas com cera. O amarelo quente da mobília («É de bétula de Carélia, que é que

tu pensas?», desfechara, sem mais nem menos, Kaliazine) enchia como um licor de limão tudo o que apresentava facetas e podia despedir lume. Sérgio possuía esta aptidão de visionar. Na sua imaginação, a casa, violentamente iluminada, devia parecer ao urso branco e azul da noite algo semelhante a um minúsculo fogareiro cheio de brasas atiçadas entre montões de neve.

— Olha, está a nevar!... Que encanto! — disse ele, colocando-se atrás da cortina e fixando a vista nas trevas.

— Hem... sim, está a nevar bem — mugiu distraìdamente o cunhado, limpando com o lenço os dedos ambreados de molho.

— Sim, porque eu não tenho botas: não trouxe nenhumas, nem tenho ideia de as ter comprado.

— Isso arranja-se, compra-as aqui. Mas é isso mesmo, ora vê lá, alguém, pode-se dizer... Da *nelma,* um peixe siberiano. E do *maksoum*. Já ouviste falar nisso, meu velho? Não? Ora vês, eu já sabia que tu nunca tinhas ouvido falar nisso.

Sérgio sentia-se cada vez mais alegre, e ainda a procissão ia na praça. Nesse momento veio do corredor um confuso tropear de passos. Os que chegavam desviam os abafos. Daí a pouco, Sérgio e o cunhado entraram na sala de jantar com os rostos afogueados pelo frio. Além de Natacha, havia uma rapariga que Sérgio não conhecia e um homem magro e impetuoso, de ar decidido, para o qual Sérgio investiu, antes de Kaliazine, para lhe fazer um cumprimento efusivo e quase aterrorizado. Toda a sua alegria decaíra. Além de que conhecia esse homem, viu nele qualquer coisa de estranho e grande que lhe surgia pela frente para o reduzir a pó da cabeça aos pés. Era o espírito masculino de facto, o mais modesto e o mais terrível dos espíritos.

— E o seu irmão? — perguntou Sérgio, detendo-se, embaraçado.

— Vivo, por enquanto — respondeu Lemokh —, ferido na perna; está em convalescença, em minha casa. Vou provàvelmente pô-lo a trabalhar comigo. Muito gosto em vê-lo. Bom dia, Pavel Pavlovitch.

— Imagine — resmungou Sérgio, cada vez mais embaraçado —, talvez ele o escondesse por dever, mas ninguém sabia que era a mobilização. Todos pensavam nas manobras. Desculpe, não sei como se chamam esses exercícios de instrução. Em todo o caso, julgava-se que era qualquer coisa desse género. E, afinal, arrastavam-nos já para a guerra. Por sinal, foi em Julho que o encontrei, há dois anos. Calcule o senhor! O seu destacamento passava em barcaças muito perto de nós, tendo ido atracar para passar a noite junto da propriedade onde eu era preceptor. Foi dois dias antes da declaração de guerra. Só o soubemos mais tarde. Compreende?

— Sim, estou ao corrente da vossa conversa, meu irmão contou-ma.

O que Sérgio não havia confessado era que ele não ousara, no decurso desse encontro nocturno, perguntar ao voluntário o seu nome.